

A close-up of an owl's face, looking directly forward. The owl's eyes are large and dark. The background is a dark, textured surface. Overlaid on the owl's face is a large, semi-transparent diamond-shaped pattern in shades of brown and tan.

# Literatura ITA- 2022

## Numa e a Ninfa - Lima Barreto

Profª. Celina Gil



# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>3</b>
<b>1 – PRÉ-MODERNISMO</b>	<b>3</b>
<b>2- LIMA BARRETO</b>	<b>4</b>
<b>3 - NUMA E A NINFA</b>	<b>5</b>
3.1 Resumo analítico	7
<b>4 – EXERCÍCIOS</b>	<b>29</b>
4.1 - Questões	29
4.2 - Gabarito	39
4.3 - Questões comentadas	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>53</b>

## Apresentação

Olá!

Na aula de hoje, vamos nos debruçar sobre uma obra pertencente ao movimento literário do Pré-Modernismo. A obra a ser analisada aqui é “Numa e a Nífa”, de Lima Barreto.

Nessa aula, então, você verá:

- Revisão sobre Pré-Modernismo e contexto histórico do Brasil da época.
- Revisão de Lima Barreto
- Análise de Numa e a Nífa

Lembre-se que, para melhor aproveitamento dessa aula, o ideal é que você tenha **lido o livro**. Se você ainda não tiver lido pelo menos alguns dos contos, utilize esse material como guia para a leitura. Mas, atenção:

**NÃO DEIXE DE LER O LIVRO!**

A prova do ITA tende a cobrar tanto questões de interpretação e análise, quanto de verificação de leitura. Quando chegarmos na lista de exercícios você vai entender como são formuladas as questões e porque é tão importante ler o livro realmente.

Vamos lá?

## 1 – Pré-modernismo

O período do Pré-Modernismo na literatura brasileira se situa entre o fim do século XIX e início do século XX. Os marcos inicial e final foram a Proclamação da República (1889) e a Semana de Arte Moderna (1922). Uma série de eventos marcaram esse momento histórico no Brasil:

- A **Primeira República** se consolida nos governos de Marechal Deodoro da Fonseca, Marechal Floriano Peixoto e Prudente de Moraes – o primeiro presidente civil do Brasil. Durante esse momento, havia um **esforço para solidificar a república** e seus símbolos, eliminando aquilo que pudesse ameaçá-la.
- A partir do governo de **Prudente de Moraes**, ocorrem movimentos organizados pelas camadas populares. O primeiro e mais importante conflito foi a **Guerra de Canudos**, conflito que envolveu a comunidade liderada pelo líder messiânico **Antônio Conselheiro** e o exército brasileiro.
- A **Revolta da Vacina** (1904), movimento de resistência à vacinação obrigatória contra a varíola. Muitas pessoas achavam que era um modo de eliminação em massa da população pobre.
- A **Revolta da Chibata** (1910), movimento liderado pelo marinheiro João Cândido, buscando o fim dos castigos corporais na marinha e melhoria das condições de vida e soldo.
- O **coronelismo**. A figura do “coronel” não se relaciona necessariamente com um posto militar ou policial. Na época, devido às grandes dimensões do Brasil e as distâncias das províncias em relação

ao governo central, era comum que grandes proprietários de terras fossem agraciados com o título de coronel da Guarda Nacional, o que lhes garantia direitos para impor a ordem.

- Há muitos questionamentos acerca da **legitimidade** das eleições, já que o **voto de cabresto**, prática de obrigar subordinados a votar em seu candidato de preferência sob pena de punições, era muito comum.

As principais características do Pré-modernismo na literatura são:

#### Análise social

- Obras literárias que analisam o contexto social e político do país.
- Questões como a desigualdade, pobreza e os conflitos entre o povo e o governo aparecem nas obras.

#### Linguagem informal

- A linguagem, ainda que utilize a norma culta, se aproxima mais do falar popular, utilizando palavras mais comuns e construções mais simples.
- Coloquialidade em alguns autores.

#### Mistura de referências

- Por ser um período de transição entre escolas, o pré-modernismo absorve características de outros movimentos. Os autores se apropriam de alguns valores do Naturalismo ao mesmo tempo em que produzem obras poéticas próximas ao simbolismo.
- Antecipam algumas características do Modernismo, como a maior inovação na forma da escrita.

#### Regionalismo

- Presença da cultura popular brasileira.
- Personagens como o caipira e o sertanejo ganham destaque.

## 2- Lima Barreto

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881 – 1922) foi escritor e jornalista. Assim como muitas pessoas da época, a história de Lima Barreto se mistura com a da escravidão no Brasil. Seus avós haviam sido escravos e sua mãe era agregada de uma família abonada. Por isso, a mãe havia sido educada e trabalhava como professora. Lima Barreto, por intermédio da família à qual sua mãe era ligada, foi apresentado ao visconde de Ouro Preto, que se tornou seu padrinho e responsável por sua educação. Duas questões, portanto, foram fundamentais para a constituição de seu senso crítico enquanto jornalista e escritor:

- A condição do negro na sociedade, tanto antes da abolição quanto após.



- A lembrança distante – talvez incentivada pela família e padrinho – do tempo do Império, e seu contraste com o regime republicano.

Apesar de ter iniciado a graduação na Escola Politécnica, ele acabou trabalhando como Secretário do Ministério da Guerra, para ajudar a família, além de atuar em jornais e revistas. Ele era um homem de saúde mental frágil. Além do alcoolismo, ele também sofria de uma depressão profunda, chegando a ser internado por isso.

As principais características de Lima Barreto são:

- Denúncia de mazelas da sociedade.
- Linguagem coloquial/informal.
- Nacionalismo
- Sarcasmo e ironia
- Temas do cotidiano ou ligados à história do Brasil.

Uma das principais características das obras de Lima Barreto é a crítica à República. Mais do que uma exaltação da monarquia ou do império, essa crítica é justamente sobre a falta de mudanças para a vida das pessoas após a Proclamação da República. A população negra e pobre segue vivendo desigualdades e as oligarquias políticas seguem mandando no país. Há pouca alteração dos poderosos com a mudança de regime.

Além disso, para Lima, o povo em geral era – é? – muito distanciado das decisões do governo e das próprias estruturas de poder. A Proclamação da República se dá sem participação popular, que apenas assiste aos acontecimentos sem de fato se envolver com eles. Lima Barreto tem uma famosa frase sobre o assunto que diz: ***O Brasil não tem povo, tem público.***

### 3 - Numa e a Ninfa

A história da obra começa com um conto, se transforma numa publicação semanal e depois se torna uma novela advinda de um folhetim.

O conto “Numa e a Ninfa” foi publicado em 3 de junho de 1911 pela Gazeta da Tarde do Rio de Janeiro. “As aventuras do Dr. Bogoloff”, publicação semanal, começaram a aparecer em fins de 1912. Lima Barreto, desenvolveu posteriormente a novela, com o mesmo título (Numa e a Ninfa), que foi publicada em folhetins diários, pelo jornal carioca A Noite, de 15 de março a 26 de julho de 1915.

O autor aproveitou, na confecção da novela, trechos das duas publicações anteriores, o que explica diversas repetições e algumas alterações de nomes de personagens. Edgarda, por exemplo, no conto, se chamava Gilberta.





## Estrutura

### Espaço:

A obra se passa no Rio de Janeiro.

### Tempo:

O livro é possivelmente contemporâneo ao seu tempo de escrita. Ele faz uma crítica a Hermes da Fonseca a partir da figura de Bentes.

Marechal Hermes da Fonseca foi presidente da república entre os anos de 1910 e 1914. O sobrinho de Deodoro da Fonseca foi eleito presidente da República após uma ruidosa campanha travada contra o candidato da oposição, o advogado baiano Rui Barbosa.

Ele enfrentou logo na primeira semana de seu governo a Revolta da Chibata.

### Divisão:

A obra é dividida em 10 capítulos.

### Narrador:

A obra é narrada em 3ª pessoa, com diversos comentários acerca da história e do contexto social. O narrador é onisciente.

## Personagens

**Numa:** Numa é de uma família pobre, que deseja ascensão social. Entra na faculdade de direito, esforça-se muito e consegue frequentar a faculdade de direito. Toda a sua carreira é baseada em unir-se à pessoa certa. Além das pessoas com quem se juntou e acabou conseguindo empregos, ele se casa com Edgarda, filha de Neves Cogominho, um político influente. Isso faz com que seja eleito deputado estadual. Como político, Numa é inexpressivo, pouco operante. Justamente por isso surpreende a todos quando profere um bom discurso na câmara. Ele depende integralmente da esposa, o que faz com que ele aceite que ela o traia. **Representa os políticos medíocres, encostados no governo, envoltos em corrupção e nepotismo.**

**Edgarda:** filha de Neves Cogominho. Edgarda era leitora fiel de Anatole France, conhecido escritor francês. Inicialmente não se interessa por Numa por o achar um interiorano medíocre, mas acaba cedendo e casando-se com ele. Edgarda é quem providencia os discursos para Numa, pois é muito mais eloquente e conhecedora de política que ele. Apesar de dizer que é ela quem escreve as falas para o marido proferir na câmara, na verdade é seu primo Benenvenuto, com quem tem um caso, escreve os textos para Numa. Edgarda é uma mulher infeliz, para quem o adultério era também forma de sobrevivência naquele meio. **Representa lugar da mulher na República Velha.**

**Neves Cogominho:** político influente, pai de Edgarda. Ficou viúvo cedo e criou os dois filhos com a ajuda de uma tia velha. É aliado fiel de Bastos na câmara. **Representa as oligarquias políticas, que tratam a política com patrimonialismo.**

**General Bentes:** uma figura que **representa os políticos autoritários, ditadores**. Um militar cotado para assumir o poder e conduzir uma “ditadura republicana”.

**Bastos:** chefe político inspirado na figura de Pinheiro Machado, um dos mais influentes políticos da Primeira República. **Representa os estratagemas das classes políticas.**

**Lucrécio Barba-de-Bode:** não é político, mas cabo eleitoral que trabalha na base da violência e dos conchavos. Liga os políticos às classes populares e **representa a manipulação do povo para votar em determinados candidatos, além de representar uma classe popular que se encontra em condição social de vulnerabilidade.**

### 3.1 Resumo analítico

Aqui iremos nos dedicar ao resumo e a análise da obra. Ao longo do resumo, introduziremos assuntos relevantes para a compreensão do texto e para sua análise mais profunda.

#### Capítulo I

A obra se abre com um grande debate que está ocorrendo na câmara sobre a criação de um novo estado para a federação. É claro que isso é o ambiente perfeito para eu toda a sorte de conchavo político seja posto em prática, principalmente trocas de favor e corrupções:

Dizia-se à boca pequena que o projeto tinha por fim acrescer a representação federal de jeito que, na próxima legislatura, tivesse o Congresso os dois terços necessários para rejeitar o "veto" ao projeto de venda de um dos mais importantes próprios nacionais. Cochichavam que tal influência receberia tanto; que tal outro já havia recebido metade da gratificação prometida; que a esposa de um diplomata também tinha interesse no negócio, além de apontarem outros padrinhos, já conhecidos por todos, como protetores de tais cambalachos.

Afinal, qual poderia ser o interesse em criar um novo estado se não garantir mais um espaço para conseguir trabalho para os protegidos dos defensores. **Bastos** era o grande defensor o projeto – e dito na obra ser um “crente fanático com mania de catequese” quando o assunto era a manutenção da República. A ele, todos temiam. Algumas pessoas o apoiavam sempre, outras apenas quando convinha, porém é seguro afirmar que “o Congresso era todo deste, a não ser uma reduzida minoria que, no afã de combatê-

lo, ora dizia não, ora sim, conforme supunha que Bastos queria ou não a criação de uma nova unidade federal”.

É no meio dessa discussão que aparece **Numa Pompílio de Castro**. O nome imponente nada tinha a ver com sua personalidade.

Durante muito tempo, chamaram-no de Nuno; e, nos primeiros meses de seu mandato, frequentemente impediram-lhe a entrada em certas dependências, a menos que o fizesse pela porta por onde penetrara na véspera. Reconhecido e empossado, não deu sinal de si durante o primeiro ano e meio de legislatura. Passou todos esses longos meses a dormir na sua bancada, pouco conversando, enigmático, votando automaticamente com o líder e designado pelos informados como - "O genro do Cogominho". Era o deputado ideal; já se sabia de antemão a sua opinião, o seu voto, e as suas presenças nas sessões era fatal. Se na passagem de algum projeto, anteviam dificuldades na obtenção da maioria, contavam logo com o voto do "genro do Cogominho". Ele vota conosco, diziam os cabalistas, a questão é saber o que o Bastos quer e o líder manda.

Não tinha uma carreira brilhante na Câmara. Foi eleito por influência do sogro, o **Senador Neves Cogominho** e discursava bem, tampouco apresentava bons projetos. Era um deputado absolutamente medíocre. Chegaram a falar sobre ele que “Numa ainda não ouviu a Ninfa; quando o fizer - ai de nós!”

### QUEM SÃO NUMA POMPÍLIO E A NINFA?

Essa referência parte do mito de Egéria, ninfa que possui papel importantíssimo na história do Império romano: ela foi a esposa e conselheira de Numa Pompílio, segundo rei de Roma. Ela se tornou uma figura frequentemente associada a mulheres fortes e conselheiras. Egéria teria orientado Numa na criação do primeiro conjunto de leis de Roma e era a intérprete de Numa das mensagens dos deuses e musas.

Pois justamente naquele dia, Numa proferiu um discurso perfeito, brilhante, cheio de grandes e bons argumentos. Isso chamou a atenção de todos, tanto na câmara quanto na imprensa – além de Inácio Costa, um político importante alinhado a Bastos.

Antes que acabasse a semana, as revistas ilustradas - Os Sucessos - A Nota - O Mequetrefe - publicaram o retrato da nova glória parlamentar e a primeira, a sua biografia desenvolvida. A repercussão do triunfo foi tal que, quando, dias após, o Dr. Numa atravessou a rua do Ouvidor, trazendo ao lado a mulher, era já uma notabilidade apontada e gloriosa. Aquela gente que a enche, gente habituada a respeitar as glórias retratadas nas revistas ilustradas e gabadas diariamente nos quotidianos, reconheceu-o e olhou-o com o alto respeito que se deve a um grande orador parlamentar.



A esposa de Numa era Edgarda, uma bela mulher filha de Cogominho. Ela é a ninfa. Ela parecia orgulhosa do sucesso do marido e era muito mais segura do que ele: “Numa caminhava acanhado, de cabeça baixa, trôpego um tanto, mas a mulher, D. Edgarda, pisava com segurança, muito naturalmente, e com a fisionomia cheia de alegria contida”.

A história de Numa era bastante simples e sem grandes emoções – como ele próprio. Era filho de um pequeno empregado em um hospital e formara-se em direito à custa das maiores dificuldades, formando-se aos 24 anos. Ele percebeu cedo que só seria respeitado entre os doutores se fosse ele mesmo um doutor. Nunca lera um livro. Usava resumos e apostilas feitos por outros, mas formou-se como um dos melhores a turma.

Insistira em acompanhar homens importantes de modo a conseguir um cargo como promotor do Estado em uma cidade distante. Foi galgando suas posições até chegar a juiz. Ele sempre conseguia boas decisões e obedecia a tudo o que precisasse Nevez Cogominho que, quando foi eleito presidente o Estado, tornou Numa o chefe da polícia. Cogominho não se envolvia diretamente com o cotidiano da política. Estava sempre distante e só aparecia de vez em quando para garantir o apoio popular.

Em uma dessas demonstrações, levou a família toda com ele para a cidade de Itaoca, onde estava Numa. Cogominho era viúvo, mas tinha uma tia velha e uma filha, além de um filho que estudava no rio de janeiro. Numa percebeu que casar-se com a filha de Cogominho era sua chance de escalar socialmente mais uma vez. Ele não era um homem bonito nem galanteador, mas conseguiu o casamento mesmo assim. Edgarda era muito diferente:

Edgarda era bem mais moça, mas já tinha passado dos vinte anos e viera para Itaoca cheia de uma curiosidade constrangida. Nascida e criada no Rio, tendo vivido sempre nas rodas senatoriais e burguesas, tinha ilusões de nobreza. Acompanhava o pai com certa repugnância; ao mesmo tempo, porém, era atraída pela existência "dessas cidades" que não são o Rio. Encontrava no bacharel quem lhe informasse sobre a vida do Estado, a sua história, a sua indústria, as suas cidades; e as pedia com o espírito de uma marquesa ao intendente dos seus domínios.

Esta concepção de nobreza viera da educação das irmãs de caridade e a defeituosa instrução que recebera e não pudera ajudar à sua real inteligência a corrigi-la.

Cogominho apoiou o casamento, pois queria que Numa ficasse do seu lado político ao invés de unir-se a Coronel Flores, do município de Catimbao, onde fora juiz. Assim que foi eleito deputado estadual – claro que por influência de Cogominho – Numa e Edgarda se casaram.

No início, ele não foi um deputado mau, indo às sessões todas e decorando as opiniões de Bastos e Cogominho. Mas o casamento era frio. Eles não tinham afeto, apenas faziam poucas aparições públicas. Ela era uma mulher inteligente e culta, que lia muito. A mediocridade do marido a incomodava.

Um dia, no café da manhã, eles conversam sobre um deputado que estava sendo muito falado no jornal por ter feito um grande discurso. Ela incentiva o marido a fazer um também, mas ele está inseguro. Ela então escreve uma proposta de discurso para ele. O pai aprova, achando que foi Numa quem escreveu, e ele estuda como um ator – ele havia sido ao longo da vida ator amador de teatro aliás. Foi o início do sucesso de Numa.

## CRÍTICA AO BRASIL A PARTIR DE SUA HISTÓRIA

Claro que é muito difícil para qualquer um – até para os estudiosos do tema – falar com toda a segurança o que faz um país ser como ele é. Muitos dados de sua história influem na constituição de um país: sua colonização, sua natureza, seus recursos, sua trajetória política etc.

Numa e a Ninfa coloca uma crítica sobre a política e o modo como a sociedade brasileira se constituía na jovem república. Há alguns teóricos importantes que ajudam a entender a constituição histórica do Brasil e como muitos traços da obra de Lima Barreto aparecem. Eles vieram depois de Lima, mas produzem obras que analisam o país sob o mesmo olhar crítico.



**Gilberto Freyre**

Na obra **Casa grande & senzala**, Gilberto Freyre aborda a formação do povo brasileiro a partir de sua origem de **miscigenação** entre brancos, pretos e indígenas. Os defeitos, qualidades e alguns mitos em torno na ideia de Brasil viriam das características desses povos e, principalmente, dos processos de colonização e papéis sociais estabelecidos então. Ele também disserta sobre a opressão contra a mulher e a influência da religião na composição do país.

**É importante para pensar como nosso passado colonial impacta na sociedade até hoje.**



**Sergio Buarque de Hollanda**

No livro **Raízes do Brasil**, o autor cunha o conceito de **homem cordial** como o traço definidor do caráter brasileiro. O homem cordial é aquele que ao mesmo tempo em que estabelece intimidade rapidamente, rejeita as convenções e os formalismos. Isso faz com que tendamos a estabelecer relações de proximidade em qualquer tipo de cenário social, fazendo com que os limites entre público e privado fiquem menos claros.

**É importante para pensar relações de ética e civilidade, tanto nas micro quanto macroestruturas.**



**Roberto DaMatta**

DaMatta cunha a expressão **jeitinho brasileiro**. Em sua definição, o jeitinho é um modo particular do brasileiro de ser capaz de improvisar soluções para situações problemáticas. Pode ser visto de maneira positiva (como um sinônimo de criatividade) ou negativa (denotando a ideia de malandragem, corrupção ou desonestidade). O autor aponta, porém, que muitas vezes, diante de uma realidade opressora, o jeitinho é a única chance de sobrevivência para muitos brasileiros.

**É importante para pensar como nos relacionamos com as instituições e as regras.**



## Capítulo II

O casal morava na região de Humaitá, próximo ao Botafogo. O casarão era da família de Edgarda, tendo sido construído pelo avô materno da mulher. A mãe de Edgarda não chegara a ver a ascensão política do marido, pois morrera quando a menina tinha dois anos. Numa sentia-se deslocado na enorme casa cheia de luxo, móveis opulentos e bibelôs.

Fuas Bandeira, diretor do Diário Mercantil, português emigrado para o Brasil por motivos escusos, procura Numa em sua casa para discutir o caso da venda da Estrada de Ferro de Mato Grosso. Fuas é uma figura que representa as ligações pouco honestas entre imprensa e governo. Fuas é jornalista sempre pronto a adular figuras políticas importantes, recebendo em troca proteção e por vezes dinheiro, o que financia seus negócios privados.

Fuas Bandeira desculpou-se preliminarmente por ter vindo incomodá-lo tão cedo e expôs com franqueza o objeto da sua visita. A rejeição do "veto" oposto ao projeto de venda da Estrada de Mato Grosso devia ser posta em ordem do dia e Fuas esperava que Numa voltasse pela rejeição.

Ele queria saber a opinião de Bastos sobre o assunto, mas Numa afirma que Bastos não faz questão e que deixa seus apoiadores livres. O jornalista questionava o fato de que o governo gastara cem mil contos parra construir a estrada e ia vender pela metade. Numa, porém, é um defensor da iniciativa privada:

— Não é certo; mas, se o fosse, valia a pena contar também com o "deficit" que ela dá. A operação, meu caro doutor, traz desafogo para o governo, não só para já, como para o futuro. O meu interesse como republicano, é facilitar meios de vida à república e também educar o Brasil no caminho da iniciativa particular. Se até agora ela não se tem feito sentir na economia do país, é devido à timidez dos senhores diante da algazarra dos caluniadores.

Em paralelo, Edgarda preocupa-se com a popularidade do marido, que começara a esfriar porque ele não fizera mais grandes discursos. Ela percebeu a chegada de Fuas do jardim, onde costumava ficar cuidando da jardinagem. Na hora do almoço, ela conversa com o marido e aconselha cuidado sobre o assunto da estrada, já que ele não sabe a opinião de Bastos. Ela o aconselha, porém, a aproveitar essa situação para conseguir dinheiro, como outros deputados fazem – além de emitir sua opinião, quando tiver certeza do que dizer.

Lucrécio Barba-de-Bode interrompe o almoço. Ele é uma espécie de cabo eleitoral, que liga os políticos às classes populares:

Lucrécio, ou melhor: Lucrécio Barba-de-Bode, por sua alcunha, que tão intempestivamente interrompia o almoço do deputado Numa Pompílio, não era propriamente um político, mas fazia parte da política e tinha o papel de ligá-la às classes populares. Era um mulato moço, nascido por aí, carpinteiro de profissão, mas de há muito não exercia o ofício. Um conhecido, certo dia, disse-lhe que ele era bem tolo em estar trabalhando que nem um mouro; que isso de ofício não dava



nada; que se metesse em política. Lucrécio julgava que esse negócio de política era para os graúdos, mas o amigo lhe afirmou que todos tinham direito a ela, estava na Constituição. (...)

Fez-se eleitor e alistou-se no bando do Totonho, que trabalhava para o Campelo. Deu em faltar à oficina, começou a usar armas, a habituar-se a rolos eleitorais, a auxiliar a soltura dos conhecidos, pedindo e levando cartas deste ou daquele político para as autoridades. Perdeu o medo das leis, sentiu a injustiça do trabalho, a inutilidade do bom comportamento. Todo o seu sistema de idéias e noções sobre a vida e a sociedade modificou-se, se não se inverteu. Começou a desprezar a vida dos outros e a sua também. Vida não se fez para negócio... Meteu-se numa questão de jogo com um rival temido, matou-o e foi sagrado valente. Foi a júri, e, absolvido, por isto ou por aquilo, o Totonho fez constar que o fora por empenho do Dr. Campelo. Daí em diante se julgou cercado de um halo de impunidade e encheu-se de processos. Quando voltou a noções mais justas e ponderou o exato poder de seus mandantes estava inutilizado, desacreditado, e tinha que continuar no papel...

Vivia de expedientes, de pedir a este ou aquele, de arranjar proteção para tabelagens em troca de subvenções disfarçadas. Sentia necessidade de voltar ao ofício, mas estava desabitado e sempre tinha a esperança de um emprego aqui ou ali, que lhe haviam vagamente prometido. Não sendo nada, não se julgava mais operário; mesmo os de seu ofício não o procuravam e se sentia mal no meio deles. Passava os dias nas casas do congresso; conhecia-lhe os regimentos, os empregados; sabia dos boatos político e das chicanas eleitorais. Entusiasmava-se nas cisões por ofício e necessidade.

Lucrécio fora lá para avisar a Numa que fosse ao Senado de tarde. A questão era discutir o novo presidente. De tarde, Numa demora a sair de casa e esposa o aconselha a fingir que não sabe de nada da reunião. Antes de sair ele ainda é procurado por uma mulher, viúva de Lopo Xavier, que vem pedir a ele seu voto no reajuste da pensão das mulheres viúvas. Como sempre, a resposta é saber o que Bastos deseja. Edgarda aconselha cautela novamente e o lembra que não pode prometer nada a ninguém – principalmente a uma mulher muito rica que não precisava do dinheiro. Ela também o lembra do caso da pensão para a viúva de um bombeiro que morrera num incêndio.

### Capítulo III

O capítulo apresenta personagens femininas conversando sobre a vida e os trabalhos de seus maridos, todos ligados à política de alguma maneira. Ao contrário do que se pode esperar, essas mulheres são todas muito versadas em política e conhecem os detalhes das situações. Ana Forbaible e Mariquinha são casadas com militares, a primeira com um general e a segunda com um tenente. General Manoel Forbaible é, evidentemente, já mais bem-quisto na política eu Álvaro, um engenheiro militar. Elas discutem sobre quem será eleito novo Presidente da República: Bastos apoiará Bentes, um militar que apesar do apoio, tem receio de participar da eleição.



Elas também discutem sobre os cargos de ministros em potencial num governo de Bentes. Ele representaria a volta dos militares ao poder. Elas consideram quem podem ser os ministros e como seus maridos podem se beneficiar disso. Mme. Forfaible chega a ir ao senado para conversar com Cogominho e recebe o conselho de que o marido de esforce para aparecer mais.

### **Mulheres na Primeira República**

A transformação do regime não gerou grandes impactos na estrutura social do país, que como já dissemos, era fundada no patriarcalismo. Em 1916, o Código Civil estabelecia que as mulheres casadas eram relativamente incapazes, assim como menores de 21 anos e indígenas. O homem era tido como o “chefe da família”, e por isso a mulher dependia de sua autorização para diversos afazeres, incluindo trabalhar fora, receber herança e reivindicar direitos trabalhistas. Também era garantido a ele o direito de fixar domicílio onde bem entendesse, e caso sua esposa se recusasse a segui-lo, poderia ser acusada de abandono do lar.

Apesar disso, diversas mulheres lutaram pela expansão de seus direitos na Primeira República, incluindo o direito de voto. Em 1910, a advogada Myrthes de Campos, a primeira mulher a entrar na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), fundou o Partido Republicano Feminino, mas não conseguiu ingressar na política.

Anos depois, foi a vez da professora Júlia Alves Barbosa reivindicar o direito de voto na cidade de Natal (RN), o que lhe foi negado pelo fato de ser solteira.

Em 1927, a professora Celina Guimarães Viana obteve o direito de voto na cidade de Mossoró (RN), e fez um apelo ao Senado para que todas as mulheres também tivessem o mesmo direito. No ano seguinte, Alzira Soriano se elege prefeita da cidade Lajes, e segundo o The New York Times, foi a primeira mulher a governar um município na América Latina.

Mme. Forfaible está andando na rua e encontra Albuquerque, um poeta com quem tem alguma amizade e vai tomar um chá. No caminho eles veem Benevenuto, o primo de Edgarda por parte de mãe. Ele é descrito da seguinte maneira:

Benevenuto não fazia versos nem coisa alguma. A sua preocupação era mesmo não fazer nada. Não tinha isso como sistema e até estimava que os outros o fizessem. Era o seu modo de viver, modo seu, porque se julgava defeituoso de inteligência para fazer qualquer coisa e inútil fazê-la desde que fosse defeituoso. Gastara uma parte da fortuna em prodigalidades e ações vulgares e ganhara a fama de extravagante. Moço, ilustrado, a par de tudo, rico ainda, podia bem viver fora do Rio, mas dava-se mal fora dele, sentia-se desarraigado, se não respirasse a atmosfera dos amigos, dos inimigos, dos conhecidos, das tolices e bobagens do país. Lia, cansava-se de ler, passeava por toda a parte, bebia aqui e ali, às vezes mesmo embebedava-se, ninguém lhe conhecia amores e as confeitarias o tinham por literato.



Benevenuto estava indo encontrar com Inácio Costa. Havia uma disputa acontecendo. Uma parte dos políticos queriam indicar Xisto, um burocrata, ao cargo de presidente. Outra parte apoiava Bentes, o candidato do próprio Bastos. Eles discutem sobre como seria um governo de Bentes:

— Não quer dizer nada... Vamos ter um governo forte, um governo como o do grande Frederico, que conciliou a liberdade e a ditadura, realizando espontaneamente o voto sistemático de Hobbes.

Costa esquecia-se muito de quem fora Frederico e de quem era o General Bentes; mas Benevenuto não lhe quis lembrar.

— Costa - disse-lhe este - não te parece semelhante conciliação um tanto difícil.

— A ditadura não é isso que vocês pensam. É a ditadura republicana.

— Em que consiste a diferença?

— Em que consiste? Consiste em suprimir, em diminuir as atribuições desse Congresso, dessa Justiça, que perturbam o regime.

— Mas Costa, você não quer conciliação da liberdade com o governo?

— É o que diz o Mestre, o maior pensador dos tempos modernos, que completou Condorcet por de Maistre.

— Sei; se você quer isso, deve querer Justiça e Congresso, porque assim se obtém a conciliação. Todo o pensamento em criá-los e fazê-los independentes não foi senão com esse fim. Você lembre-se bem da história da revolução...

— Nada! Nada! Isto tudo entorpece a ação do governo... Esses debates, essas chicanas...

— Mas Costa, você quer é um sultanato, uma khanato oriental e pior do que isso, porque nesses há ainda uma lei: o Corão; e, no teu, não há lei alguma. Como limitar a vontade do governo, como saber os nossos direitos e deveres? Com a Politique de Comte ou simplesmente com o Lagarrigue?

— Qual lei! Lei são as naturais que são irrevogáveis.

Posteriormente, ele também encontra Lucrécio, com quem discute como seria a vida com um governo novamente militar. Eles discordam sobre quando a vida era melhor, mas a candidatura de Bentes parece cada vez mais certa.

Acompanhamos Lucrécio até sua casa. Nesse capítulo vemos uma grande característica de Lima Barreto: o olhar para a cidade. Lucrécio mora na Cidade Nova, uma parte mais pobre da cidade, com uma vida menos fácil que a daqueles que moram na Zona Sul. A Cidade Nova fica próxima ao centro, mas não chega a ser exatamente o centro: é o caminho para o subúrbio:

O velho "aterrado" que conheceu atribulações de fidalgos em caminho do beija-mão de D. João VI, é hoje o Mangue, com asfalto e meios-fios; mas, de quando em quando, manhosamente, o canal enche desde que o céu queira, para lembrar as suas origens aos que passam por elas nos bondes e nos automóveis.

A Cidade Nova não teve tempo de acabar de levantar-se do charco que era; não lhe deram tempo para que as águas trouxessem das alturas a quantidade necessária de sedimento: mas



ficou sendo o depósito dos detritos da cidade nascente, das raças que nos vão povoando e foram trazidas a estas plagas pelos negreiros, pelos navios de imigrantes, à força e à vontade. A miséria uniu-as ou acamou-as ali; e elas lá afloram com evidência. Ela desfez muito sonho que partiu da Itália e Portugal em busca de riqueza; e, por contrapeso, muita fortuna se fez ali, para continuar a alimentar e excitar esses sonhos.

(...)

As mesmas razões que levaram a população de cor, livre, a procurá-la, há sessenta anos, levou também a população branca necessitada de imigrantes e seus descendentes, a ir habitá-la também.

Em geral, era e ainda é, a população de cor, composta de gente de fracos meios econômicos, que vive de pequenos empregos; tem, portanto, que procurar habitação barata, nas proximidades do lugar onde trabalha e veio daí a sua procura pelas cercanias do aterrado; desde, porém, que a ela se vieram juntar os imigrantes italianos ou e outras procedências, vivendo de pequenos ofícios, pelas mesmas razões eles a procuraram.

Já se vê, pois, que, ao lado da população de cor, naturalmente numerosa, há uma grande e forte população branca, especialmente de italianos e descendentes. Não é raro ver-se naquelas ruas, valentes napolitanos a sopesar na cabeça fardos de costuras que levaram a manufaturar em casa; e a marcha esforçada faz os seus grandes argolões de ouro balançarem nas orelhas, tão intensamente que se chega a esperar que chocalhem. Por toda a parte há remendões; e, de manhã, muito antes que o sol se levante, daquelas medíocres casas, daquelas tristes estalagens, saem os vendedores de jornais, com suas correias e bolsas a tiracolo, que são o seu distintivo, saindo também peixeiros e vendedores de hortaliças com os cestos vazios.

(...)

De manhã, quando Lucrécio saiu do quarto, toda a família já estava de pé. A irmã lavava ao tanque, no quintal; a mulher já varrera a casa e preparava o almoço e o filho fora em busca do O Talismã, famoso jornal de palpites do "bicho", em que toda a casa tinha fé. Não havia dia que não o comprassem e bem duas horas levavam a decifrá-lo, a estudá-lo, para afinal jogarem aquelas pobres mulheres um cruzado, se tanto.

O jornal do "bicho" é procurado e lido; é o mensageiro da abundância, é a esperança de salvar compromissos e poderosamente concorre para a realização de casamentos e batizados. A nossa triste humanidade sempre pôs grandes esperanças no Acaso...

A descrição da região é detalhada, apresentado seus tipos e situações, mostrando as desigualdades que marcam a cidade do Rio de Janeiro.

Lucrécio tem um momento de reflexão diante do filho, se perguntando se ele será capaz de ter um futuro melhor. Lucrécio e a mulher estão sempre em tensão um com o outro. Desde o arroz que ela não fez até a vontade de Lucrécio de brigar com o dono da casa em que moram por conta do aluguel.

Chega à casa uma visita: doutor Gregory Petrovich Bogoloff, um imigrante russo da cidade de Kazan que Lucrécio conhecera no bar. Ele não tinha onde ficar e Lucrécio o abrigou num primeiro

momento. Ele quando chegou estava disposto a trabalhar honestamente. Lucrécio o aconselhara a não deixar de usar seu título de doutor, pois isso valia muito no Brasil. Ele decidira tentar a vida no campo, cultivando a terra, mas não fora bem-sucedido. Lima Barreto analisa, nesse momento, a dependência do Brasil de ciclos ligados à extração e agricultura ao longo do tempo.

Bogóloff acaba cansando da vida de colono e voltou à cidade, onde vivia de bicos e tentando conseguir dinheiro onde pudesse. Lucrécio garante que quando Bentes for eleito irá arranjar um trabalho para ele.

## Capítulo IV

O capítulo se inicia com um bonde passando pela cidade do Rio de Janeiro. Aqui, se vê claramente a diferença entre os bairros e as situações da cidade. A desigualdade entre os bairros da cidade é latente nessa obra. Inicialmente, não sabemos quem está no bonde até que temos a menção a D. Edgarda. Ela está indo fazer uma visita ao Dr. Macieira Galvão, governador eleito do estado das Palmeiras, que partirá em breve do Rio de Janeiro.

Lá conhecemos dois personagens: D. Alice, mãe de Macieira, e Dr. Felicianinho, um rapaz vindo do interior que se tornara amante de D. Alice. Ele por volta dos vinte anos e ela com quase setenta. Edgarda percebe a relação posta de interesses.

Celeste, esposa de Macieira, está infeliz com a mudança, principalmente com a proximidade que o povo tem dos políticos:

— Os deputados e governadores não deviam estar em dependência tão estreita desse povinho - não acha você, Edgarda?  
— Creio, mas... Dizem que eles devem ouvir todo o mundo, para bem representar a vontade do povo, por quem são eleitos.  
— O povo! Eleitos! Nós é que sabemos como é isso, minha cara Edgarda; nós sabemos disso...  
A mulher do senador Macieira riu-se sublinhando a frase; a visita, porém não a acompanhou inteiramente no seu ceticismo pelo nosso aparelho político.

Voltando para casa, Edgarda encontra outros políticos. Nenhum parece lhe dar o devido crédito de compreender política. Todos, porém, sabem quem é seu marido e estão ansiosos para seu próximo discurso. Para Edgarda, porém, a pouca atenção que lhe dedicam é ótima, pois mal reparam que ela desce no bairro de Santa Teresa, passando por ruas silenciosas e entrando na casa de uma costureira. Ela troca algumas palavras com as mulheres, mas seu objetivo está em encontrar seu primo, Benevenuto:

O primo já estava no interior, quando Edgarda lá entrou. Ao vê-la, ele se levantou e um instante beijaram-se, sem dizer palavra.

Parentes próximos, conhecidos desde meninos, o amor só brotou neles depois do casamento da prima. Nunca se haviam conhecido bem, nunca se tinham compreendido; e, nela, o matrimônio



como que lhe deu um outro sentido, um antena que descobriu no primo o que lhe exigiram a imaginação e a inteligência.

Casada, um pouco das suas ideias de menina e de moça evoluiu; se os desejos de notoriedade do marido, não se foram também, é porque neles havia muito de seu amor próprio pessoal e o seu casamento fora determinado por esse mesmo sentimento.

Se o marido não quis em começo corresponder a esses desejos, era, entretanto, bastante plástico para ser modelado por eles; o primo, porém, com uma personalidade mais forte, em que sobravam tantas aptidões, não seria capaz de plasmá-los; e sempre mostrara pelos políticos uma indiferença, senão um desdém superior.

Além do relacionamento, eles conversam muito sobre política. O primo a alerta, inclusive, que a eleição de Bentes pode não ser boa para seu pai que pode perder seu prestígio para outros. Bentes é um militar que pode ascender por um golpe. Ele não precisa dos acordos políticos. É também nesse momento que descobrimos que não é apenas Edgarda a responsável pelos discursos, mas Benevenuto:

Riram-se brevemente e Benevenuto perguntou:

- Quem encontraste no bonde?
- O Gerpes e o Martinho, que me falaram em Numa... Já fizeste?
- Edgarda, és muito egoísta!... Ainda não me beijaste e...
- Perdoa, meu bem! Tu sabes... É...

E os dois se beijaram longa e fartamente.

## Capítulo V

Neste capítulo, compreendemos melhor a figura de Bogóloff e algumas relações entre as personagens. Essencialmente nesse capítulo temos um desfile de situações entre pessoas e análises sobre a política e seus modos de funcionamento.

Há uma expectativa sobre o governo de Bentes e a mudança de poder. Há manifestações ocorrendo e Lucrécio quer que Bogóloff participe, mas o russo não se anima muito com a vida política. O narrador analisa a questão quando fala sobre uma manifestação a Neves Cogominho, que está ocorrendo no palacete do senador:

Ele começava a conhecer as atividades políticas, os seus bastidores, as suas retortas de fantásticas transformações.

Essas presenças, essas atenções, enfim, esse ritual de salamaleques e falsas demonstrações de amizade influem no progresso da vida política. Como havíamos de subir, ou pelo menos de manter a posição conquistada, se não fôssemos sempre às missas de sétimo dia dos parentes dos chefes, se não lhe mandássemos cartões nos dias de aniversário, se não estivéssemos presentes aos embarques e desembarques de figurões? Fora daqui as notícias desses atos têm grande





repercussão e infinito alcance; e, de resto, às vezes, um bota-fora decidia uma reeleição. Vejam só o que aconteceu com o Batista. Estava nas boas graças do Carneiro; mas, no dia do embarque deste para Pernambuco deixou de ir. Carneiro notou e quando Bandeira quis incluí-lo de novo na chapa opôs-se tenazmente.

Os chefes não admitem independência, nem mesmo aos embarques. Os pequenos presentes mantêm as amizades; mas, na política, não são só os presentes que mantêm as relações; é preciso que os poderosos sintam que gravitamos em torno deles, que nenhum ato íntimo de sua existência nos é estranho, que o natalício dos filhos, o aniversário de casamento ou formatura se refletem no movimento e como que perturbam a órbita da nossa vida.

A manifestação – que é uma espécie de homenagem – a Cogominho foi noticiada no jornal por Fuas Bandeira e diversas figuras importantes estão no evento, inclusive pessoas que supostamente seriam de oposição. Numa e Inácio Costa andam pelo salão, mas Numa foge dos diálogos com os colegas de câmara. Vemos Xandu, um homem que deseja a todo custo ser ministro, e as esposas de diversos políticos conversando. Bogóloff se mistura muito bem, inspirando confiança em todas as pessoas.

O evento conta com uma banda de fanfarra e tantas pessoas que Lucrécio Barba-de-Bode precisou organizar a todos para ficarem mais próximos da banda aqueles que fossem os principais admiradores. Barba-de-bode se embebede e passa mal, se tornando motivo de deboche entre diversas das personalidades políticas.

Bogóloff é abordado pelo chefe de polícia, que por conta de seu nome se questiona se ele é cafetão ou anarquista, pois segundo ele “Estes nomes em “itch”, em “off”, em “sky”, polacos e russos, quando não são “cáftens” são de anarquistas”. Isso faz Bogóloff lembrar-se de todas as dificuldades e preconceitos que sofrera quando chegou ao Brasil.

Ainda que narrativamente pareça um capítulo um pouco estranho ao restante da obra, ele levanta algumas questões importantes:





## Capítulo VI

Edgarda e Benevenuto conversam no telefone sobre o governo e as próximas votações. Uma das principais dificuldades era a exigência constante de Bentes que todos provassem sua lealdade e admiração constante por ele. A adulação do novo chefe foi suficiente para fazer Xandu ser empossado Ministro do Fomento Nacional:

Xandu era rico e tinha, como todos, a sua vaidade. A dele era julgar-se com o estofo de grande ministro e o seu erro vinha em supor que o seria fecundo em obras, por espalhar decretos a mancheias. Pretendia fazer isto e aquilo; apanhava inspiração na boca de parentes, de amigos e punha toda a sua esperança na legislação. Não há dúvida que ela pode influir; ele exagerava, porém, o seu alcance e os seus resultados. Feito ministro, o seu primeiro trabalho foi instalar luxuosamente a sua secretaria e gabinete; cortinados, sanefas, mobílias, bustos, quadros - tudo ele colocou do maior luxo. Em seguida, espalhou o seu retrato e biografia pelos jornais e revistas, especialmente por essas pequenas revistas pouco conhecidas e lidas.

Há de parecer que são sem valor as publicações feitas nelas; entretanto, assim não se dá. Oferecidas gratuitamente, elas correm maior área e chegam onde as grandes publicações não chegam. O que perdem em intensidade, ganham em extensão; e os propagandistas políticos sabem bem disso porque não as desprezam. A fisionomia de Xandu, lavada, simpática, parada, com o seu olhar crédulo por detrás do monóculo, correu mundo em "clichés" de todos os tamanhos, com biografias auxiliares em todas as línguas. S. Exa. fomentava.

Lucrécio tem um cargo no governo que é extraoficial mas paga o suficiente para cumprir seu aluguel: agente de polícia extranumerário. Ele ainda não tinha conseguido indicar Bogóloff a nenhum cargo, mas ainda tinha expectativa. Lucrécio chega a sugerir que ele aproveite o momento para pegar um trabalho como médico, mesmo sem formação em medicina. A vida parecia um pouco melhor:

Moravam ainda na mesma casa da Cidade Nova e era hábito almoçarem juntos antes que as outras pessoas da família o fizessem. Tendo de onde tirar o dinheiro, o primeiro cuidado de Lucrécio foi por o filho na escola e o pequeno raramente o via nos dias úteis da semana. O serviço do pai não era marcado. Aparecia na polícia e demorava-se por lá, à espera que houvesse um "meeting", um discurso subversivo na Câmara, para perturbar as aclamações espontâneas e desinteressadas. A mulher e a irmã continuavam a temer semelhante espécie de emprego; Lucrécio, porém, as sossegava dizendo:

— Minhas filhas, é assim que a gente se arranja. Tudo está nas mãos dos políticos e, sem política, ninguém vai lá. O Candinho não está agente da Prefeitura? Como começou? O Totonho, não foi feito jardineiro-chefe? Ele há de me arranjar.

Inácio Costa, por outro lado, está péssimo. Parece fanático e ameaça aos que discordam dele de maneira delirante., dizendo que “a sã política é filha da moral e da razão”.

— Viram! Viram! Não digo... Temos governo!... Xandu já mandou restabelecer o - Saúde e fraternidade... - Os conselheiros tinham banido esse santo dístico mas agora... Estamos na República... Implicaram também com - Ordem e Progresso. Por quê? Vocês não querem "ordem"? Vocês não querem "progresso"? A ordem é a condição do progresso.

— Será verdade? - indagou Bogoloff

— Como não! A história...

— A bem dizer, é o contrário: todo o progresso tem sido feito com desordens.

— Doutor, o senhor está me parecendo um metafísico. Chico - disse ele dirigindo-se a um passante - espera aí. Até logo! Até logo!

### POSITIVISMO

Corrente política composta principalmente por militares e setores do Partido Republicano do Rio Grande do Sul. Adotando as ideias de Auguste Comte, propunham a superação da Monarquia (fase teológico-militar) por uma **ditadura republicana** (fase positiva), com um governo centralizado e forte.

O projeto positivista foi sintetizado no lema Ordem e Progresso, e mesmo não sendo o modelo republicano prevalecente no país, teve força suficiente para se impor na bandeira oficial. Outro ponto reforçado pelos positivistas era a separação da Igreja e Estado, afinal a Monarquia se mostrara extremamente vinculada ao catolicismo por meio do padroado.

Conhecemos também nesse capítulo Arlete, a amante de Macieira, que era bastante influente na vida do político. O dinheiro que a sustentava saía de negócios escusos do político e ela incentivava suas corrupções. Ela era, porém, também considerada por ele seu grande amuleto da sorte, o que fazia com que a família dele a aceitasse sem problemas maiores. Na casa de Arlete, no bairro do Flamengo, diversas conversas sobre política ocorreram em dias de bebida e jogatina. Arlete era reconhecida como figura influente, tendo mesmo recebido a viúva de Lopo Xavier – lembra-se dela? – para uma audiência para ajuda-la em sua demanda do aumento da pensão.

Bogóloff vai até Macieira para pedir ajuda para trabalhar no Ministério do Fomento por conta de seus conhecimentos em pecuária. Este o encaminha, mas ao conversar com ele, vive uma situação curiosa, que mostra o modo estranho com que ele lida com suas obrigações políticas:

— Oh! Doutor! Que há?

— Precisava falar a S. Exa.

— Pois não... Entre! Estamos na democracia; os conselheiros já se foram. Estou no gabinete deste ontem.

O contínuo afastou-se; eles passaram e Bogoloff foi à presença de Xandu;

Sentava-se o ministro a uma mesa alta, ampla e torneada, inteiramente coberta de papéis, de livros. Nas suas costas, ainda um retrato de Floriano e, ao lado, a uma mesa menor, o secretário que conversava com um oficial do exército.

Acolheu-o Xandu com uma certa frieza, mas, desde que leu a carta, fez-se prazenteiro e amável:

— Oh, Doutor! Desculpe-me! Desculpe-me! Já me havia esquecido do senhor... Não sabe como ando atarefado. Hoje já assinei 1.557 decretos... Sobre tudo! Neste país está tudo por fazer! Tudo! Em dias, tenho feito mais que todos os governos deste país! Já assinei 2.725.852 decretos, 78.345 regulamentos, 1.725.384.671 avisos... Um trabalho insano!

Por fim, Bogóloff consegue vender a ele a ideia de que através do uso da ciência – e com um discurso bastante cheio de termos técnicos que pouco sentido fazem – seria possível evoluir muito na pecuária. Entre termos como “a ciência é infalível” e “Estudei um método de criar peixes em seco”, prometendo criar porcos que ficam do tamanho de bois e bois que ficam com a força e porte de cavalos, o russo acaba conseguindo ser nomeado Diretor da Pecuária Nacional. Essa cena mostra que Bogóloff compreendeu bem o caminho para ser bem-sucedido na política.

## Capítulo VII

O capítulo se inicia com uma análise do olhar dos estrangeiros sobre o Brasil, principalmente sobre a miscigenação racial no Brasil:

Outra fonte de irritação para esses espíritos diplomáticos estava nos pretos. Dizer um viajante que vira pretos, perguntar uma senhora num "hall" de hotel se os brasileiros eram pretos, dizer que o Brasil tinha uma grande população de cor, eram causas para zangas fortes e tirar o sono a estadistas aclamados. Ainda aí havia um lamentável esquecimento de um fato de pequena observação. Hão de concordar esses cândidos espíritos diplomáticos que o Brasil recebeu durante séculos muitos milhões de negros e que esses milhões não eram estéreis; hão de concordar que



os pretos são gente muito diferentes dos europeus; sendo assim, os viajantes pouco afeitos a essa raça de homens, hão de se impressionar com eles.

Os diplomatas e jornalistas que se sentiam ofendidos com a verdade tão simplesmente corriqueira, esqueciam tristemente que por sua vez a zanga ofendia os seus compatriotas de cor; que essa rezinga queria dizer que estes últimos eram a vergonha do Brasil e seu desaparecimento uma necessidade.

Os viajantes estipendiados, dessa ou daquela forma, pelo tesouro, nas obras e artigos que publicavam, tinham sempre o cuidado de dizer que não havia mais febre amarela e o preto desaparecia. Um houve que teve intensas alegrias quando não viu negros no porto de Santos e levou essa novidade ao mundo inteiro, por intermédio de seu livro.

Os nossos diplomatas e quejando com esse tolo e irritante feitio de pensar quiseram apoiar a sua vaidade em uma filosofia qualquer; e combinaram as hipóteses sobre as desigualdades de raça com a seleção guerreira, pensando em uma guerra que diminuísse os negros do Brasil.

Não podendo organizar uma verdadeira "reserve for the blacks", decretar cidades de resistência, estabelecer o isolamento "yankee", pensaram na guerra em que morressem milhares de negros, embora ficando as negras a parir bebes brancos.

É importante pensar sobre as questões raciais no Brasil nesse momento histórico para entender o que Lima Barreto aponta aqui. Observe o seguinte trecho do Hino da República:

*Liberdade! Liberdade!  
Abre as asas sobre nós  
Das lutas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz  
Nós nem cremos que escravos outrora  
Tenha havido em tão nobre País  
Hoje o rubro lampejo da aurora  
Acha irmãos, não tiranos hostis*

Os versos acima nos revelam duas coisas acerca das populações negras do pós-1888. A primeira delas é que o novo regime buscava **esquecer seu passado escravocrata**, ainda que seus efeitos continuassem a impactar a sociedade brasileira nas décadas seguintes. A segunda diz respeito a condição incerta dos ex-escravos nos momentos iniciais da República, amenizada com a igualdade jurídica assegurada pela Constituição de 1891.

A igualdade, no entanto, era apenas artificial, afinal as populações negras tinham suas manifestações culturais limitadas pelo Estado. A **capoeira**, misto de dança e luta, e uma das mais importantes manifestações da cultura afro-brasileira, era considerada prática de vadios e desocupados, sendo por isso proibida pelo **Código Penal de 1890**. A legislação também considerava crimes contra a saúde pública "o espiritismo, a magia e seus sortilégios", o que enquadrava as **religiões de matriz africana**.

Ademais, como a alfabetização era critério para o exercício dos direitos políticos no país a partir de 1891, as populações negras, privadas do ensino formal durante o Segundo Reinado em decorrência de sua condição escrava, não se veem em condições de serem cidadãos no novo regime. Dessa maneira, é legado aos negros a condição de “subcidadãos”.

Outro ponto a se destacar deste período são as **ideias racialistas** vindas da Europa, que como vimos, desembarcam no Brasil na segunda metade do século XIX. Findada a escravidão, o abismo de condições existente entre negros e brancos na época não era considerado resultante de questões sociais, mas sim de diferenças biológicas existentes entre as “raças”.

Para muitos antropólogos, criminalistas, juristas e outros intelectuais da época, o grande entrave para que o país orbitasse ao lado das demais potências civilizadas era o fato de sermos um país mestiço. Contudo, alguns deles acalentavam a esperança de que por essa mistura, a raça superior – no caso, a branca – prevaleceria a longo prazo, e com isso, a população seria embranquecida. Vale lembrar que as teorias raciais no Brasil são decorrentes do evolucionismo e do darwinismo social trazidos da Europa. Assim sendo, elas atribuem a ideia de hierarquia entre os povos com base no pensamento científico da época.

Bentes ia ganhando cada vez mais prestígio. Ele era um homem que tinha o apoio tanto dos diplomatas quanto dos militares. Ele colocou cada vez mais militares em cargos públicos burocratas, o que fez com que ele tivesse cada vez mais prestígio no exército. Ele também era querido pelo público, que esquecia todos os seus defeitos. Suas coações e atitudes autoritárias iam chegando aos poucos, o que fazia com que o povo não percebesse que ele agia de maneira ditatorial.

Dentre os políticos ele não era tão bem aceito. Alguns aproveitaram a oportunidade para conseguir manter cargos públicos, mas outros não aceitaram muito bem o novo governo:

Não foram todos os políticos que o aceitaram; foram alguns chefes, um dos quais era Macieira, que viu logo como podia aproveitar a situação; e Bastos, apesar de toda a sua força aparente, admitiu-o, aceitou-o, por uma consideração de defesa e conservação pessoais. Neves Cogominho e os outros homologavam a escolha, e todo o esforço destes foi simular que o fizeram com liberdade e convencer Bentes que muito lhes devia.

Solicitado por uma corrente de interesses, solicitado por outra contrária, Bentes oscilava doidamente, como um espantalho sob o vendaval. Os adeptos sem se entenderem entre si, só se compreendiam na bajulação infrene, com que incensavam o feitiço - bajulação que crescia em proporção aos ataques.

Políticos aposentados e esquecidos, agitadores infelizes foram trazidos à tona e, do exagero de adulação, penitenciavam-se todos troçando na intimidade o manipanso que tinham criado.

Um antigo político gabou a ignorância como fecunda no governo, firmando mesmo a sabedoria como prejudicial ao país; e Inácio Costa em conversa com Benevenuto, confirmou a sentença:

— Soberania? Bacharelismo?... Nada! Nada!... Acabamos com essa pedantocracia bacharelesca.



Lucrécio chega assustado para falar com Benevenuto. Um capanga que costumava extorquir dinheiro da população fora morto a facadas por um homem que tentara tirar dinheiro. A polícia não fez nada. A notícia correu a cidade, com o comentário de que as autoridades nada podiam diante das resoluções de conflitos. Dizia-se que se estavam matando gente na rua. Era o que dizia o jornal. E que o governo não protegia ninguém. Surge o receio de que a oposição se aproveite disso para atacar o governo. Ao mesmo tempo, o povo não é favorável ao parlamento:

Os jornais e o povo debochavam o Congresso, faziam-lhe as mais acerbadas críticas e cobriam os deputados de epítetos os mais desprezíveis. Não se entendia o povo! Dizia isso, proclamava a inutilidade do Parlamento, desmoralizava-o; entretanto, queria que resistisse aos assaltos, às ameaças do poder. Estariam os deputados muito avisados, se lhe seguissem os conselhos. Seriam tocados da Câmara, expulsos, e então não valeria mais nada o Congresso. A vista entrou; era Mme. Forfaible. Edgarda acompanhava a generala e conversavam garrulamente. Numa teve pressentimento que ela vinha interessar-se pelo projeto das desacumulações. Que diabo! Não sabia como votar!... O governo, uma hora fazia questão, outra diziam à socapa que vetaria... Temia incompatibilizar-se e ficar incompatível, tanto mais que Bentes parecia ser contra. Tinha mesmo dito: "Eu sou pelas desacumulações bem entendidas".

## Capítulo VIII

Esse capítulo dá conta das manobras políticas envolvendo as eleições para vereadores e quem eram os adeptos de cada partido que seriam eleitos. Liberato, coronel da Guarda Nacional de Cambuci, cidade que se rebelava contra Bentes, temia uma derrota completa e, através de Campelo, aliou-se a Bentes prometendo-lhe apoio incondicional para garantir sua eleição.

Aproximando-se o dia da eleição dos vereadores, Liberato verificou que, apesar das ameaças, muitas seções do seu distrito não lhe registrariam votos de que precisava para a vitória total. Convém não esquecer que as eleições são as mais vezes simuladas, que os mesários as fazem ao sabor de suas conveniências partidárias e raro se consegue apurar a votação que as urnas recebem efetivamente.

Sabendo que algumas seções resistiam às suas ameaças e ao suborno governamental, Liberato entendeu-se com Campelo e outros chefes de primeira categoria que o animaram a proceder das forma que entendesse, contando que o partido fosse o vencedor.

O velho coronel julgou melhor armar uma emboscada. Apossou-se com antecedência do edifício público em que ia funcionar o colégio eleitoral, estudou-lhe os aposentos, organizou seteiras e, no dia do comício, estava lá o seu bando por trás das portas e paredes, gatilho no dedo, canos em seteiras invisíveis sobre os eleitores descuidados.

Em dado momento, em hora aprazada, a descarga foi feita; caíram feridos e mortos e o médico que Liberato tinha alugado não tivera serviço porque aqueles foram só entre os adversários do velho coronel.

Exata manobra política indignou a cidade e a opinião mesmo sem conhecer a forma atroz com que fora armada a tocaia; mas Liberato não se incomodou muito, pois o inquérito policial nada apurou, não se sabendo mesmo se tinha sido feito.

### CORONELISMO

O título de “coronel” era algo que remetia aos membros da Guarda Nacional, mas que se popularizou na Primeira República para denominar os ricos fazendeiros que exerciam grande influência política, econômica e social sobre aqueles que trabalhavam e viviam em suas terras.

Nessa época, boa parte da população brasileira morava no interior do país, o que tornava o coronel uma figura de grande prestígio político. Ele usava de toda a sua influência para manipular os votos, a fim de garantir que fossem eleitos candidatos escolhidos pelos governos federal e estadual. Em troca, o presidente de estado lhe concedia carta branca para decidir todos os assuntos do município, chegando inclusive a indicar funcionários estaduais.

Dizia-se que o coronel mantinha seus eleitores “no cabresto”, o que torna o sufrágio conhecido neste período como voto de cabresto. Como não havia justiça eleitoral para fiscalizar as eleições, as fraudes ocorriam a todo momento. Atas eleitorais eram adulteradas, incluindo votos de cidadãos que não haviam comparecido, ou até mesmo que já haviam morrido. Urnas eram roubadas a mando dos coronéis, e cédulas de votação, alteradas. Em alguns municípios, o número de eleitores chegava a superar seu número de habitantes!

Bentes tinha um programa que era dito quase “lírico” pelos apoiadores. Ele tinha dois grandes propósitos: melhorar as navegações do Brasil e valorizar a mulher brasileira. Nenhum dos dois projetos agradou apoiadores, que achavam que era idealista demais e pouco prático.

Um dos seus propósitos mais altos era melhorar a navegação interior do Brasil. O seu interesse era pela bacia do São Francisco. Notava Bentes que os seus rios serviam cinco Estados do Brasil, interessando alguns mais; e, entretanto não tinham merecido até ali a atenção dos poderes públicos. Notava ainda que nessa portentosa bacia vivia uma população enérgica, ativa, corajosa e o governo tinha o dever de auxiliá-la. O seu primeiro cuidado, se fosse governo, seria torná-lo navegável da foz à nascente, destruindo a dinamites e outros explosivos a cachoeira de Paulo Afonso e outros obstáculos que lhe impediam o livre aproveitamento pelos barcos.

O outro seu alto propósito tendia a homenagear a mulher brasileira, esse exemplo extraordinário de mãe, dizia o manifesto; e havia de fazer, quando chefe do executivo, distribuição gratuita de brinquedos às crianças, desde que tivessem mães - continuava a dizer o manifesto.

Numa, por outro lado, defendeu Bentes na Câmara, num discurso apaixonado que levou dias e muita bagunça na biblioteca para Edgarda planejar. O discurso pedia calma e confiança em Bentes.

Bogóloff segue trabalhando na pecuária nacional, trazendo experimentos e ideias pouco ortodoxas. Ele era frequentemente visitado por Inácio Costa, que era muito interessado na cultura e

história russas. Bogóloff, definido o tempo todo como um velho anarquista, sabia que em política não se podia discordar. Ele já não morava mais com Lucrécio Barba-de-bode, mas numa pensão no Catete.

Lucrécio está cada vez mais versado em política. Pelos jornais, ele percebe que Macieira pode tomar um golpe a qualquer momento e perder o estado das Palmeiras. Isso az com que ele desconfie de Bentes e de suas intenções. Claro que Macieira estava sabendo disso também, como fica claro quando conversa com Arlete. Ele tenta conversar com Neves Cogominho e Numa. Ambos creem, com pouca veemência, que Bentes não os trairia. Eles tentam falar também com Fuas para conseguir ajuda.

Quando está Macieira conversando com Fuas, mais uma vez vemos ela: a viúva de Lopo, pedindo apoio a seu projeto de aumento da pensão das viúvas. Ela insiste com todos os meios que possui.

## Capítulo IX

Esse capítulo apresenta uma figura estranha: D. Florinda Seixas, uma apoiadora de Bastos e Bentes que tem uma sociedade de capangas chamados de “caboblos” ou “homens da selva” cujas funções eram ensinar a língua guarani e aclamar pessoas importantes. Sim, muito estranho. Porém também muito frequente nos eventos. Bastos e Bentes os recebiam sempre por serem “autênticos e autotônicos representantes da pátria”. Eram homens bêbados o tempo todo, porém.

D. Florinda pregava que o Guarani era a língua mais antiga e bela do mundo. Por mais estranhas que fossem as ideias dela, ela sempre conseguia o apoio público:

No aniversário do falecimento do almirante Constâncio, D. Florinda, após os trabalhos preliminares e obter auxílio dos poderes públicos organizou o préstito mais votivo e comemorativo dentre os muitos que tem visto o Rio de Janeiro.

As tribos dos Munducurus, Caiapós, Omaguas, Pataxós Kaingangs, Tamoios, Carijós, Charruas, Xavantes e outras apareceram e foram representadas por comissões vestidas a caráter tendo os respectivos estandartes: folhas de palmeiras, de bananeiras, remos de canoas, capivaras empalhadas; e, ao centro, num caminhão, reclinado sob um bananal verdejante, Tupini, de cocar e enduape, arco e flecha ao lado, pernas nuas, coxas nuas, peito nu e braços nus - o rei da floresta brasileira, que marchava para o túmulo do almirante inesquecível.

Músicas militares, de espaço em espaço, tocavam elegias; os lampiões de gás semi acesos, cobertos de crepe, davam um ar fúnebre às ruas; e D. Florinda, com a sua choregiada de caboclos entoava nos intervalos um fúnebre hino tupi.

Neste capítulo há toda a descrição deste ato fúnebre e da presença da sociedade organizada por D. Florinda no ato. Curiosamente, por mais imponente que seja o ato, quase ninguém consegue lembrar-se de almirante Constâncio ou em alguma história para relatar dele.

Neste capítulo também vemos o pensamento de Benvenuto sobre sua relação com a prima:



Benevenuto deixou o Catete e dirigiu-se vagarosamente ao encontro de Edgarda. Ela lhe havia escrito cheia de desolação. A situação se obscurecia e pedia-lhe o seu auxílio com mais insistência. Verdadeiramente amava-a, tinha necessidade dela na sua vida e no seu pensamento; mas, sempre lhe foi difícil compreender por que razão íntima Edgarda teimava em fazer figurar o marido como um orador ilustrado. Por meio do marido, parecia, ela dava expansão à sua necessidade de domínio; era ingênuo, porém, fazê-lo. porquanto Numa com a sua irremediável preguiça mental nem ao menos os autores que citava lia e deles compreendia alguma coisa. A sua atonia de inteligência requeria uma artificial alimentação intelectual e esta ainda não havia sido inventada.

Benevenuto era moço de trinta e poucos anos, alto e tinha o olhar miúdo e penetrante. O seu parentesco com a esposa de Numa era por parte da mãe dele, de forma que, por temperamento e pelo sangue, era completamente estranho às competências políticas dos Cogominhos.

Pudera bem ter-se casado com a prima; teria evitado aquele amor às furtadelas; mas não só, quando solteira, passou por junto dela e não a notou, como também percebia que, se o houvesse feito, não teria por ela a ternura de hoje. Não seria a mesma; o casamento tirou-lhe ou lhe deu alguma coisa, e isso que lhe tirou ou lhe deu, é que o atraía para ela.

De há muito quisera dizer-lhe que Numa não podia por muito tempo representar o papel; que era necessário que ficasse na fama; que não forçasse a sagacidade dos outros? mas vieram essas atrapalhações políticas e o orador do bando de Neves tinha que se manifestar de quando em quando.

Fica mais do que claro aqui que é ele quem está escrevendo os discursos de Numa. Porém, está cada vez mais difícil justificar os absurdos perpetrados por Bentes. Edgarda está preocupada que podem estar tentando tirar Numa e seu pai de seus postos. Ela acha uma ingratidão Bentes fazer isso.

Benvenuto não gosta das manifestações tampouco do patriotismo exacerbado. Ele “Sentia bem o vago da pátria, o misticismo da ideia, a sua força religiosa, e tinha medo de que essa sobrevivência mesclada ao delírio republicano não desandasse em seringueira, em violência, em perseguições em nome de Bentes impassível e inerte”.

O cargo de Bogóloff também parece estar ameaçado. Ele chegara ao ministério por amizade com Macieira – que se via em maus lençóis, pois no dia da eleição uma criança morrera numa briga durante um meeting. Xandu se se questiona se deve mantê-lo do seu cargo por conta dessa amizade. Bogóloff defende sua permanência sempre com o uso do discurso da ciência.

Numa viagem a Tatuí para buscar estudar novas tecnologias pecuárias, Bogóloff presencia um exemplo de exercício de poder e abuso de influência:

— Meu binóculo! Ó comandante! Pare! Pare!

Às perguntas de explicação, ele se limitava a responder:

— Onde está o comandante?

Vendo o capitão, entre o tom de pedido e o de ordem, ele disse:

— "Seu" comandante, é preciso voltarmos ao Rio. Esqueci-me do meu binóculo.

Fez-lhe ver o comandante que isso era impossível e tal coisa iria causar graves prejuízos à companhia e aos passageiros. O homem enfureceu-se e gritou:

— Sabe com quem está falando?

O comandante disse que não sabia, mas que não havia necessidade de sabê-lo, pois se tratava de medida de suas atribuições, sendo ali a sua autoridade em tudo soberana.

— Pois bem - disse o homem - tenho imunidades; sou o senador Leiva, amigo de Bastos.

Retorquiu o comandante no mesmo tom de voz:

— Vossa Excelência há de perdoar-me, Sr. Senador, mas não posso voltar.

Nisso apareceu um indivíduo metido em boas roupas de onde desentranha a cabeça e exclama:

— Que desaforo! Desrespeitar um senador!

O comandante tentou convencer o parlamentar de que se podia servir dos binóculos de bordo, pois os havia muitos; mas o senador intimou:

— Quero o meu binóculo. Não quero outro. Ou o senho volta e eu voto a autorização para o empréstimo da companhia, ou não volta e eu e a minha bancada faremos uma guerra tremenda ao projeto.

À vista disso, o comandante que sabia das dificuldades da empresa, tanto assim que não recebia os seus vencimentos havia três meses, virou de bordo e voltou para buscar o binóculo do senador Leiva, amigo de Bastos.

## Capítulo X

A solução para fazer Bentes Presidente do Brasil parecia ser uma só: impedir que ocorressem eleições na capital. Seções eleitorais foram fechadas, livros sumiram e carteiros foram ameaçados – quando não subornados – a não enviarem os votos.

Lucrécio firmara seu nome junto ao de Bentes, o que o tornara conhecido, tendo seu nome mesmo no jornal. Ele se tornara mais confiante, dando tiros pela cidade, o que lhe renderam denúncias e preocupação da esposa. Um dia, um homem estranho vem até a casa de Lucrécio pedindo para falar com ele. É um engenheiro de Palmeiras querendo que Lucrécio interceda junto a Bentes para que ele tenha um cargo melhor. A esposa dele o questiona por sempre conseguir tudo para os outros e nada pra si. Bentes atende ao pedido, o que faz com que Lucrécio se torne ainda mais influente.

Na Câmara, uma situação deixa Numa em maus lençóis: ele faz um pronunciamento imprevisto, de última hora e não consegue se expressar bem. Seu discurso é mal-recebido.

Toda a Câmara esperou que Numa fizesse um veemente discurso, como faziam crer as suas orações anteriores; mas, ao contrário disso, pronunciou breves palavras, disse que era honrado, que a sua adesão ao general Bentes tinha sido espontânea e sincera.





A impressão geral foi péssima. Os seus amigos, quando deixou de falar, receberam-no friamente, não lhe deram os cumprimentos de hábito e houve suspensão em todos os espíritos. É verdade que pretextara incomodo, mas não podia ser ele tão grave que o impedisse de defender-se cabalmente e a sua defesa estava em falar com calor, com veemência e paixão. Piterzoon, entre colegas, dissera mesmo:

— Vocês admiram-se! Não é coisa do outro mundo. O Numa lá de Roma acertava, quando consultava a Ninfa; com este dá-se a mesma coisa.

O genro de Cogominho deixou a Câmara apreensivo. Ele mesmo tinha provocado aquele incidente, ele mesmo tinha levantado a luva e fora ele mesmo, portanto, quem criara aquele fiasco. Julgou em começo poder pronunciar a sua defesa; não havia estudo a fazer, não havia argumento a responder, entretanto, o hábito que adquirira de discursar depois de estudo apurado, tinha-o traído no momento crítico.

Ele chega em casa angustiado, pensando em como apagar essa impressão. Ele conta o desastre para a esposa que se dispõe a ajudar e escrever um discurso para o dia seguinte. Ela se tranca na biblioteca. A noite avança e Numa não consegue dormir, nervoso. Ele decide ir ver a mulher na biblioteca. A porta está trancada, mas ele ouve barulhos, então olha pelo buraco da fechadura. Ele vê a esposa com seu primo aos beijos em meio a papéis com o discurso. Ele entende tudo e faz a única coisa que pode fazer:

Que devia fazer? Que descoberta! Que devia fazer? A carreira... o prestígio... senador... presidente... Ora bolas!

E Numa voltou, vagarosamente, pé ante pé, para o leito, onde sempre dormiu tranquilamente.

## 4 – Exercícios

### 4.1 - Questões

#### 1. (Estratégia Militares – 2021)

Leia atentamente o trecho retirado de “Numa e a Ninfa”, de Lima Barreto:

“O ar estava translúcido e fino. A manhã ia adiantada mas tinha ainda um pouco do encanto das primeiras horas. Botafogo é dos lugares do Rio de Janeiro aquele em que mais agradável é o amanhecer. A proximidade do mar e a vizinhança das altas montanhas, cobertas de vegetação, quando o sol é meigo, aí pelas primeiras horas do dia, casam-se, unem-se, fundem-se sob a luz macia e o céu azul, de tal forma que o encanto da manhã é inesquecível.”

Assinale a alternativa que indica a característica da tipologia predominante no texto acima:

A) atribuição de adjetivação e comparação.



- B) uso de método lógico para definição.
- C) sequência de verbos que indicam ação.
- D) uso majoritário de substantivos femininos.
- E) modo verbal subjuntivo.

## 2. (Estratégia Militares – 2021)

Leia o trecho destacado de “Numa e a Nífa”: “Não custou em vir ao encontro da amiga, D. Celeste. Entrou com aquela sua bonacheirice roceira, risonha, contente e foi toda aberta em alegria que falou à amiga. Havia cerca de vinte anos que passava pelas altas camadas, que a comprimia o código de várias cerimônias de sociedade, mas guardava intactas todas as qualidades e defeitos de sua educação de fazenda”.

Assinale a alternativa correta relativamente ao grifo do verbo e sua concordância.

- A) a ocorrência se justifica devido ao verbo indicar fenômeno da natureza.
- B) a forma verbal expressa valor de fato.
- C) o verbo se flexiona em terceira pessoa do singular por ser impessoal.
- D) a expressão “cerca de” é a única concordância realizada pelo verbo.
- E) o termo em destaque encontra-se na terceira pessoa por indicar existência.

## 3. (Estratégia Militares – 2021)

No trecho: “Sentia-se desculpada, perdoada, não porque o amasse como mulher, mas porque amava também o rapaz como mãe; seguia-lhe os estudos, socorria-o de todo o jeito, trazia-lhe sempre diante dos olhos o futuro e a glória.”

Assinale a classificação morfológica dos termos respectivamente destacados.

- A) artigo definido, pronome pessoal, artigo definido e pronome pessoal.
- B) pronome pessoal, artigo definido, artigo definido, pronome pessoal.
- C) pronome pessoal, pronome pessoal, artigo definido e artigo definido.
- D) artigo definido, pronome pessoal, artigo definido e artigo definido.
- E) pronome pessoal, pronome pessoal, pronome pessoal e artigo definido.

**Texto pra as próximas questões:**



O grande debate que provocara na Câmara o projeto de formação de um novo Estado na federação nacional apaixonou não só a opinião pública, mas também (é extraordinário) os profissionais da política.

Em torno do projeto, interesses de toda a ordem gravitavam. Um grande número de cargos políticos e administrativos iam ser criados; e, se bem que a passagem do projeto de lei não fosse para já, os chefes, chefetes, subchefes, ajudantes, capatazes políticos se agitavam e pediam, e desejavam, e sonhavam com este e aquele lugar para este ou aquele dos seus apaniguados.

De resto, além desse resultado palpável do projeto, havia nele outro alcance que só os profissionais da política entreviam. Com a criação de um novo Estado nasceria naturalmente uma nova bancada da representação nacional no Senado e na Câmara; e o partido dominante, republicano radical, temia não eleger a totalidade dela.

Bastos, o seu poderoso e temido chefe, que detinha o domínio político do país, hesitava em apoiar ou contrariar francamente o projeto e, a respeito, só tinha frases vagas e gestos de duvidoso sentido. Os seus asseclas, os muitos que lhe obedeciam cegamente, sem a palavra devida, não sabiam o que dizer; e os mais atarantados eram os seus jornalistas e parlamentares. Uns, apoiavam; outros, combatiam; outros, ainda, ora apoiavam, ora combatiam.

Essa desordem nos arraiais políticos, essa interrupção do trilho guiador, excitava os ânimos dos legisladores, preocupados, todos, quer combatessem, quer apoiassem, em agradar o chefe e revelar que haviam descoberto o pensamento oculto de Bastos - porque o Congresso era todo deste, a não ser uma reduzida minoria que, no afã de combatê-lo, ora dizia não, ora sim, conforme supunha que Basto queria ou não a criação de uma nova unidade federal. Deputados houve que cortaram as relações amistosas, tão somente porque, no calor da discussão, um aparte mais veemente um deles proferira, quase sem reflexão.

Dizia-se à boca pequena que o projeto tinha por fim acrescer a representação federal de jeito que, na próxima legislatura, tivesse o Congresso os dois terços necessários para rejeitar o “veto” ao projeto de venda de um dos mais importantes próprios nacionais. Cochichavam que tal influência receberia tanto; que tal outro já havia recebido metade da gratificação prometida; que a esposa de um diplomata também tinha interesse no negócio, além de apontarem outros padrinhos, já conhecidos por todos, como protetores de tais cambalachos.

Ao certo, o que havia em torno da proposição parlamentar, o grosso público não sabia, e que ela podia trazer no bojo tudo o que se dizia, era admissível. A imitação do regime político dos Estados Unidos não ficou restrita à Constituição; aos poucos, como consequência ou não, conscientemente ou sem pensamento anterior, a imitação se estendeu aos seus escusos processos de traficâncias em votos e medidas de governo.

A massa, a população interessava-se pelo debate, pesava argumentos, sem suspeitar que tanto esforço de inteligência escondesse uma vulgar mascateação ou um arranjo de políticos.

(Numa e a ninfa, Lima Barreto)



#### 4. (Estratégia Militares - 2020)

A obra Numa e a ninfa apresenta uma coleção de tipos sociais de sua época. Dentre eles, pode-se destacar:

- (A) Numa, um deputado pouco expressivo, que passou anos apenas obedecendo ordens e votando conforme orientado.
- (B) General Bentes, um militar corrupto que pressiona seus empregados a votarem de acordo com suas expectativas políticas.
- (C) Senador Bastos, que representa as duras tentativas de manter-se honesto em um ambiente repleto de corrupções e desmandos.
- (D) Fuas Bandeira, político de caráter autoritário, um projeto de ditador, esforçando-se para conseguir o cargo de ministro.
- (E) Xandu, um estrangeiro aproveitador, que tenta tirar vantagem da inocência e boa fé das pessoas, principalmente mulheres.

#### 5. (Estratégia Militares - 2020)

Sobre o autor Lima Barreto, é correto afirmar que

- (A) utiliza linguagem coloquial informal, a partir de uma perspectiva regionalista do Brasil.
- (B) pensa a condição do negro na sociedade a partir de uma noção positivista e cientificista.
- (C) é um nacionalista, que defende a instituição da república e da atuação militarista na sociedade.
- (D) produz uma análise social do contexto político do país, usando de linguagem irônica, sarcástica.
- (E) lança seu olhar para os sertões, pensando nas dificuldades sociais e políticas que são enfrentadas lá.

#### 6. (Estratégia Militares - 2020)

Há uma conhecida frase de Lima Barreto que diz que “O Brasil não tem povo, tem público”. Ela foi proferida pensando no distanciamento do povo das decisões do governo e da Proclamação da República sem participação popular. Essa frase se confirma pelo trecho em destaque na seguinte alternativa:

- (A) O grande debate que provocara na Câmara o projeto de formação de um novo Estado na federação nacional apaixonou não só a opinião pública, mas também (é extraordinário) os profissionais da política.
- (B) Uns, apoiavam; outros, combatiam; outros, ainda, ora apoiavam, ora combatiam.



(C) Deputados houve que cortaram as relações amistosas, tão somente porque, no calor da discussão, um aparte mais veemente um deles proferira, quase sem reflexão.

(D) Essa desordem nos arraiais políticos, essa interrupção do trilho guiador, excitava os ânimos dos legisladores, preocupados, todos, quer combatessem, quer apoiassem, em agradar o chefe (...).

(E) A massa, a população interessava-se pelo debate, pesava argumentos, sem suspeitar que tanto esforço de inteligência escondesse uma vulgar mascateação ou um arranjo de políticos.

### 7. (Estratégia Militares - 2020)

Em “Os seus asseclas, os muitos que lhe obedeciam cegamente, sem a palavra devida, não sabiam o que dizer; e os mais atarantados eram os seus jornalistas e parlamentares”, as palavras em destaque podem ser substituídas sem prejuízo de sentido respectivamente por

- (A) partidários – desonestos.
- (B) empregados – desnorteados.
- (C) sectários – atrapalhados.
- (D) seguidores – estúpidos.
- (E) inimigos – baralhados.

### 8. (Estratégia Militares - 2020)

O trecho “e, se bem que a passagem do projeto de lei não fosse para já, os chefes, chefetes, subchefes, ajudantes, capatazes políticos se agitavam e pediam, e desejavam, e sonhavam com este e aquele lugar para este ou aquele dos seus apaniguados” indica uma das críticas mais contundentes da obra em relação à política que é a prática do/da

- (A) desordem na política e burocracia, gerando gastos desnecessários do orçamento disponível.
- (B) desonestidade em todos os âmbitos da sociedade que nasce nas figuras de coronéis e capatazes.
- (C) corrupção na sociedade eleitoral, que escolhe mal seus representantes pensando em vantagens.
- (D) patrimonialismo, aprofundando a separação entre o interesse individual e o interesse público.
- (E) nepotismo, que pessoas poderosas favorecem parentes ou pessoas protegidas por elas.

### 9. (Estratégia Militares - 2020)





Além das denúncias políticas e ao comportamento dos homens públicos, Lima faz críticas nessa obra a outras questões, como

- (A) o olhar para a violência policial para com a população, indicada principalmente pela queima de casas.
- (B) a crítica à vida de aparências na sociedade, representada pelo casamento sem amor que o próprio Numa vive.
- (C) o olhar saudoso para tempos anteriores do império, indicadas pela construção de espaços longe do urbano.
- (D) o desânimo e o pessimismo diante da possibilidade de realização amorosa no mundo como ele se apresenta.
- (E) uma noção de que a modernidade traz para o homem mais possibilidades a partir do progresso científico.

#### 10. (Estratégia Militares - 2020)

O ambiente de desordem política e moral construído pela obra, reforçado pela sensação de mediocridade que cerca as personagens, indica uma crítica de Lima Barreto ao

- (A) início do período Republicano brasileiro, mostrando o incômodo do autor para com a política de então.
- (B) imperialismo no Brasil, indicando que o Imperador não é capaz de controlar os deputados da câmara.
- (C) desejo dos políticos de então de tornarem-se tão degradados e corruptos quando os Estados Unidos.
- (D) anseio de ascensão social, indicando um pensamento frequentemente contrário à mobilidade na sociedade.
- (E) modo como se organizava o congresso de então, sugerindo que a organização norte-americana era melhor.

Texto pra as próximas questões:

#### **Subversão pelas letras**

*Como o subúrbio carioca ajudou Lima Barreto a pensar a negritude e a desigualdade estrutural brasileira*

Tom Farias

Angélica Ferrarez

Em *Os nagô e a morte* (1976), a professora Juana Elbein dos Santos assim se refere à questão da territorialidade: “Todos os lugares de adoração encontram-se em iká, no quintal onde Óbàrìsà não pode penetrar”. “Iká”, em yorubá, é um odu (“destino”, em iorubá) do oráculo de Ifá, segundo o qual as pessoas, apesar de todos os problemas infringidos a elas, vão ter



sempre um sorriso nos lábios e alegria de viver. São pessoas consideradas boas, mas que têm horror à morte. Em nossas palavras, é uma subversão que se faz pela resistência, pelo riso e por não desistir facilmente da vida.

A territorialidade, nessa dimensão do sagrado, é um lugar nobre na obra de Lima Barreto (1881-1922). Adentrar o seu universo narrativo — seja através do seu trabalho jornalístico, das crônicas, da ficção, dos contos ou dos romances — é residir no quintal territorializado das classes pobres, suburbanas e, particularmente, negras. Este é um desafio de compreensão da subversão pelas letras, da luta de que partilha a vida do escritor. (...)

O Lima Barreto que conhecemos teve sua vida marcada por circunstâncias particulares e emblemáticas: nasceu exatamente no dia 13 de maio, sete anos antes da abolição (1888), e morreu meses depois da Semana de Arte Moderna. Sendo assim, ele viveu o Brasil de muitos ensaios, do ensaio da democracia ao ensaio da República, rico em contradições e, em especial, em desigualdades. É este o país das simbologias e estruturas materiais que marca a trajetória e a criação literária do escritor carioca no contexto de toda a sua obra, sobretudo nas crônicas e nos romances.

Constante é a discussão de sua identidade de escritor, inclusive a relação conturbada com o meio literário em que viveu. Em crônica de 28 de junho de 1911, afirmou: “Eu quero ser escritor porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei meus navios, deixei tudo, por essas coisas de letras”. Em outro tópico, de forma rebelde, registra: “Não quero fazer minha biografia; basta, penso eu, que lhes diga que abandonei todos os caminhos por esses das letras; e o fiz conscientemente, superiormente, sem nada de mais forte que me desviasse de qualquer outra ambição”.

Atemporal e libertário das suas próprias amarras conceituais, Lima Barreto sonhou acordado nos bancos dos trens de terceira classe que saíam do subúrbio da Central em direção ao centro da cidade, costurando a cidade pelos trilhos e sendo, também, um andarilho sobre eles. Ninguém conhecia tão bem a cidade como Barreto e sua boêmia literária marcada pela inquietação do século da “belle-époque”.

Havia um projeto de cidade burguesa que convivia lado a lado, interpenetrando-se com a herança africana, o que gerou no Rio de Janeiro a experiência mais radical com a modernidade; a do descompasso, das contradições e da pluralidade. Do legado imperial, temos a cidade que abrigou a Corte, o aburguesamento, os cafés, a coquetterie, o ideal francês de civilização e progresso, mas que culminou nos Códigos de Postura, nas medidas dos médicos sanitaristas que queriam higienizar as ruas do comedimento moral de uma limpeza étnica, mecanismos de controle social e punição que recaíam sobre a população negra. Por outro lado, havia a cidade das experimentações, da cultura popular, do samba, dos bares, dos usos e costumes, das festas carnavalizadas, das memórias das Áfricas distantes (e próximas), da cultura como forma de existir e resistir.

A remodelação da cidade, conhecida por “bota abaixo”, nos idos de 1903-06, fez com que a população dos morros triplicasse de tamanho. Foi o momento em que a Zona Sul da cidade se tornou a coqueluche habitacional dos endinheirados, ápice da especulação imobiliária e supervalorização do espaço, empurrando famílias da classe média, funcionários públicos e



outros decadentes para as grandes chácaras dos subúrbios, lugares ainda calmos, cercados da natureza.

Lima, que nasceu na área nobre das Laranjeiras, outrora endereço de dois ilustres moradores — a Princesa Isabel e o Conde d'Eu —, acabou fazendo do subúrbio de Todos os Santos o seu recanto, seu espaço de criação, o lugar a partir do qual fala. E em sua literatura, a cultura do subúrbio aparece protagonizando o espaço da cidade, engendrando discursos contra-hegemônicos em todas as camadas sociais, rompendo com a noção abstrata do cânone ocidental. (...)

As marcas da escravidão confinaram o negro, o fenômeno das políticas de embranquecimento de teor eugenista e o mimetismo das teorias raciais na conformação dos lugares de poder e privilégio de parte da sociedade nacional. Lima também fazia uma reflexão crítica do sistema capitalista e do constrangimento que os Estados Unidos representavam para o mundo, com “sua grosseria mercantil, a sua desonestidade administrativa e o seu amor ao apressado”, nas palavras do cronista-autor. Essas discussões feitas por Lima de maneira visceral provocaram um rasgo em um espaço-tempo que não estava preparado para a recepção merecida de suas ideias.

Subversivo, rebelde, Lima Barreto era a imagem — e sua obra, a lembrança — de uma sociedade que se queria enterrar nos subterrâneos da memória, junto aos estigmas da escravidão, do racismo, da herança colonial. Lima revivia tudo em suas letras, em tom grave, falando alto, mas o espaço-tempo exigia uma certa polidez nos costumes e contenção nas palavras. A reclamação, a denúncia era muito bem feita na literatura a partir das metáforas, nas entrelinhas, mas Lima rasgava o verbo, era um incômodo latente, uma pedrinha no sapato de couro dos outros homens das letras.

(Adaptado de <<https://www.quatrocinco.com.br/br/artigos/literatura-brasileira/subversao-pelas-letras>> Acesso em 21 jul. 2021)

### 11. (Estratégia Vestibulares – 2021)

A estratégia dos autores do texto para introduzir o aspecto da obra de Lima Barreto que será trabalhado nesse texto parte da

- a) história do Rio de Janeiro, principalmente da constituição urbana do século XVIII.
- b) comparação com uma noção sagrada que parte das religiões afro-brasileiras.
- c) ideia de que para sobreviver em sociedade é preciso contrapor-se às regras institucionais.
- d) análise do trabalho jornalístico de Lima Barreto sobre a condição do Rio de Janeiro.
- e) biografia de Lima Barreto, que dialoga com vivências do Brasil Colônia.

### 12. (Estratégia Vestibulares – 2021)

De acordo com o texto, a ideia de modernidade radical na formação do Rio de Janeiro vem das



- a) construções modernas herdadas do período imperial e da fixação da corte portuguesa no Rio de Janeiro.
- b) referências francesas que foram o norte da construção urbanística e da vida da capital do país na época.
- c) assimilações das culturas africanas, principalmente nos festejos e folguedos populares, como o carnaval.
- d) contradições e pluralidades de uma cidade formada sob influência africana e projeto burguês.
- e) experiências republicanas que, invariavelmente, geraram uma cidade mais aburguesada e europeizada.

### 13. (Estratégia Vestibulares – 2021)

Na literatura brasileira, o romantismo foi um dos movimentos que pensou as transformações do século XIX, principalmente a noção de constituição de nação. A análise do contexto dos autores românticos de diferencia da dos pré-modernos, escola a que Lima se filia, principalmente por apresentar uma

- a) noção de que o Brasil se constitui a partir da mistura de três etnias, brancos, negros e indígenas, estes últimos excluídos no pré-modernismo.
- b) percepção mais crítica do período imperial, ideia que o pré-modernismo deixa de lado, pois é essencialmente crítico à república.
- c) crítica à formação social do Brasil embasada em conceitos biológicos, diferente do pré-modernismo que se vale de dados sociais.
- d) versão romantizada dos fatos, enquanto o pré-modernismo busca retratar a realidade de maneira mais idealizada.
- e) visão idealizada da história e da formação do Brasil, enquanto os pré-modernos já olham para esse contexto de maneira crítica.

### 14. (Estratégia Vestibulares – 2021)

Uma das questões que fazia com que Lima Barreto fosse malvisto por outros escritores contemporâneos a ele era sua preferência temática por

- a) excluir pessoas de diferentes classes sociais de suas obras, retratando apenas os pobres.
- b) romances históricos, que investigam a construção do Brasil desde a colônia.
- c) suas críticas aos Estados Unidos e seu protagonismo econômico no mundo.
- d) elementos da cultura brasileira, vistos como menores que os da cultura europeia.
- e) denúncias sociais de problemas históricos do Brasil, frequentemente ignorados.

**15. (Estratégia Vestibulares – 2021)**

De acordo com o texto, uma das características que tornava Lima Barreto um escritor deslocado de seu tempo era

- a) sua preferência por retratar as camadas populares do Rio de Janeiro.
- b) seu hábito de ter personagens negros em suas obras, em posições mais servis.
- c) sua literatura mais direta, num momento em que a escrita era mais contida.
- d) sua postura preconceituosa em relação às classes mais baixas da sociedade.
- e) seu desejo de criar uma literatura que falasse dos reflexos dos Estados Unidos no Brasil.



## 4.2 - Gabarito

1. A
2. C
3. B
4. A
5. D
6. E
7. C
8. E
9. B
10. A
11. B
12. D
13. E
14. E
15. C

## 4.3 - Questões comentadas

### 1. (Estratégia Militares – 2021)

Leia atentamente o trecho retirado de “Numa e a Nífa”, de Lima Barreto:

“O ar estava translúcido e fino. A manhã ia adiantada mas tinha ainda um pouco do encanto das primeiras horas. Botafogo é dos lugares do Rio de Janeiro aquele em que mais agradável é o amanhecer. A proximidade do mar e a vizinhança das altas montanhas, cobertas de vegetação, quando o sol é meigo, aí pelas primeiras horas do dia, casam-se, unem-se, fundem-se sob a luz macia e o céu azul, de tal forma que o encanto da manhã é inesquecível.”

Assinale a alternativa que indica a característica da tipologia predominante no texto acima:

- A) atribuição de adjetivação e comparação.
- B) uso de método lógico para definição.
- C) sequência de verbos que indicam ação.
- D) uso majoritário de substantivos femininos.
- E) modo verbal subjuntivo.

#### Comentários:

A alternativa A está correta uma vez que o texto é descritivo, trazendo características e atribuições do espaço, há a realização de uma descrição subjetiva, a saber.

A alternativa B está incorreta pois não há argumentação no trecho.

A alternativa C está incorreta pois os verbos não indicam ação, e sim, estado.

A alternativa D está incorreta pois os substantivos não são majoritariamente femininos, ainda que fosse, isso não implica característica de uma tipologia especificamente.

A alternativa E está incorreta porque não há principalmente modo subjuntivo, e sim indicativo.

#### GABARITO: A

### 2. (Estratégia Militares – 2021)

Leia o trecho destacado de “Numa e a Nífa”: “Não custou em vir ao encontro da amiga, D. Celeste. Entrou com aquela sua bonacheirice roceira, risonha, contente e foi toda aberta em alegria que falou à amiga. Havia cerca de vinte anos que passava pelas altas camadas, que a comprimia o código de várias cerimônias de sociedade, mas guardava intactas todas as qualidades e defeitos de sua educação de fazenda”.

Assinale a alternativa correta relativamente ao grifo do verbo e sua concordância.

- A) a ocorrência se justifica devido ao verbo indicar fenômeno da natureza.
- B) a forma verbal expressa valor de fato.
- C) o verbo se flexiona em terceira pessoa do singular por ser impessoal.
- D) a expressão “cerca de” é a única concordância realizada pelo verbo.
- E) o termo em destaque encontra-se na terceira pessoa por indicar existência.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta pois o verbo não expressa fenômeno da natureza, embora os que expressem fenômeno da natureza também concordem em 3ª pessoa do singular.

A alternativa B está incorreta pois o modo verbal não incide na concordância verbal.

A alternativa C está correta pois o verbo é impessoal e flexiona-se na 3ª pessoal, também indicando passagem de tempo.

A alternativa D está incorreta pois não há concordância, já que se trata de um verbo impessoal, isso é, sem sujeito.

A alternativa E está incorreta pois o verbo expressa passagem de tempo.

**GABARITO: C**

**3. (Estratégia Militares – 2021)**

No trecho: “Sentia-se desculpada, perdoada, não porque o amasse como mulher, mas porque amava também o rapaz como mãe; seguia-lhe os estudos, socorria-o de todo o jeito, trazia-lhe sempre diante dos olhos o futuro e a glória.”

Assinale a classificação morfológica dos termos respectivamente destacados.

- A) artigo definido, pronome pessoal, artigo definido e pronome pessoal.
- B) pronome pessoal, artigo definido, artigo definido, pronome pessoal.
- C) pronome pessoal, pronome pessoal, artigo definido e artigo definido.
- D) artigo definido, pronome pessoal, artigo definido e artigo definido.
- E) pronome pessoal, pronome pessoal, pronome pessoal e artigo definido.

**Comentários:**

O primeiro termo é um pronome, recuperando o rapaz que já havia sido mencionado, também funcionando com o complemento verbal de “amasse”.

O segundo termo é um artigo, acompanhando o substantivo “rapaz” e definindo-o, atuando a favor da coesão.

O terceiro termo é um artigo, acompanhando o substantivo “estudos”.

O quarto termo é um pronome, retomando o termo já mencionado “o rapaz”.

## GABARITO: B

Texto pra as próximas questões:

O grande debate que provocara na Câmara o projeto de formação de um novo Estado na federação nacional apaixonou não só a opinião pública, mas também (é extraordinário) os profissionais da política.

Em torno do projeto, interesses de toda a ordem gravitavam. Um grande número de cargos políticos e administrativos iam ser criados; e, se bem que a passagem do projeto de lei não fosse para já, os chefes, chefetes, subchefes, ajudantes, capatazes políticos se agitavam e pediam, e desejavam, e sonhavam com este e aquele lugar para este ou aquele dos seus apaniguados.

De resto, além desse resultado palpável do projeto, havia nele outro alcance que só os profissionais da política entreviam. Com a criação de um novo Estado nasceria naturalmente uma nova bancada da representação nacional no Senado e na Câmara; e o partido dominante, republicano radical, temia não eleger a totalidade dela.

Bastos, o seu poderoso e temido chefe, que detinha o domínio político do país, hesitava em apoiar ou contrariar francamente o projeto e, a respeito, só tinha frases vagas e gestos de duvidoso sentido. Os seus asseclas, os muitos que lhe obedeciam cegamente, sem a palavra devida, não sabiam o que dizer; e os mais atarantados eram os seus jornalistas e parlamentares. Uns, apoiavam; outros, combatiam; outros, ainda, ora apoiavam, ora combatiam.

Essa desordem nos arraiais políticos, essa interrupção do trilho guiador, excitava os ânimos dos legisladores, preocupados, todos, quer combatessem, quer apoiassem, em agradar o chefe e revelar que haviam descoberto o pensamento oculto de Bastos - porque o Congresso era todo deste, a não ser uma reduzida minoria que, no afã de combatê-lo, ora dizia não, ora sim, conforme supunha que Basto queria ou não a criação de uma nova unidade federal. Deputados houve que cortaram as relações amistosas, tão somente porque, no calor da discussão, um aparte mais veemente um deles proferira, quase sem reflexão.

Dizia-se à boca pequena que o projeto tinha por fim acrescer a representação federal de jeito que, na próxima legislatura, tivesse o Congresso os dois terços necessários para rejeitar o “veto” ao projeto de venda de um dos mais importantes próprios nacionais. Cochichavam que tal influência receberia tanto; que tal outro já havia recebido metade da gratificação prometida; que a esposa de um diplomata também tinha interesse no negócio, além de apontarem outros padrinhos, já conhecidos por todos, como protetores de tais cambalachos.

Ao certo, o que havia em torno da proposição parlamentar, o grosso público não sabia, e que ela podia trazer no bojo tudo o que se dizia, era admissível. A imitação do regime político dos Estados Unidos não ficou restrita à Constituição; aos poucos, como consequência ou não, conscientemente ou sem pensamento anterior, a imitação se estendeu aos seus escusos processos de traficâncias em votos e medidas de governo.

A massa, a população interessava-se pelo debate, pesava argumentos, sem suspeitar que tanto esforço de inteligência escondesse uma vulgar mascateação ou um arranjo de políticos.

(Numa e a ninfa, Lima Barreto)

#### 4. (Estratégia Militares - 2020)

A obra Numa e a ninfa apresenta uma coleção de tipos sociais de sua época. Dentre eles, pode-se destacar:

- (A) Numa, um deputado pouco expressivo, que passou anos apenas obedecendo ordens e votando conforme orientado.
- (B) General Bentes, um militar corrupto que pressiona seus empregados a votarem de acordo com suas expectativas políticas.
- (C) Senador Bastos, que representa as duras tentativas de manter-se honesto em um ambiente repleto de corrupções e desmandos.
- (D) Fuas Bandeira, político de caráter autoritário, um projeto de ditador, esforçando-se para conseguir o cargo de ministro.
- (E) Xandu, um estrangeiro aproveitador, que tenta tirar vantagem da inocência e boa fé das pessoas, principalmente mulheres.

#### Comentários:

A alternativa A está correta, pois essa é a descrição de Numa, um deputado pouco conhecido, inoperante, que sempre votou na câmara com o desejo de seu sogro e partido.

A alternativa B está incorreta, pois General Bentes é uma figura que representa os políticos autoritários, ditadores. Um militar cotado para assumir o poder e conduzir uma “ditadura republicana”.

A alternativa C está incorreta, pois o Senador Bastos é tão corrupto quanto os demais políticos

A alternativa D está incorreta, pois Fuas Bandeira é o diretor do Diário Mercantil, não um político. Ele também era “professor de velocípede”.

A alternativa E está incorreta, pois o estrangeiro aproveitador na obra é Doutor Bogóloff. Xandu é o Ministro do Fomento Nacional.

#### Gabarito: A

---

#### 5. (Estratégia Militares - 2020)

Sobre o autor Lima Barreto, é correto afirmar que

- (A) utiliza linguagem coloquial informal, a partir de uma perspectiva regionalista do Brasil.
- (B) pensa a condição do negro na sociedade a partir de uma noção positivista e cientificista.
- (C) é um nacionalista, que defende a instituição da república e da atuação militarista na sociedade.





(D) produz uma análise social do contexto político do país, usando de linguagem irônica, sarcástica.

(E) lança seu olhar para os sertões, pensando nas dificuldades sociais e políticas que são enfrentadas lá.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta, pois os romances de Lima se dão nos espaços urbanos, não nos contextos regionalistas.

A alternativa B está incorreta, pois esses são traços comuns do naturalismo, não da obra de Lima Barreto.

A alternativa C está incorreta, pois ainda que se possa considerar Lima um nacionalista, ele não faz uma defesa da república. Do contrário, ele produz críticas a ela.

A alternativa D está correta, pois uma das principais características de Lima Barreto é a preocupação social, denunciando problemas da sociedade e da política de maneira irônica.

A alternativa E está incorreta, pois isso se assemelha mais à obra de Euclides da Cunha do que Lima Barreto.

**Gabarito: D****6. (Estratégia Militares - 2020)**

Há uma conhecida frase de Lima Barreto que diz que “O Brasil não tem povo, tem público”. Ela foi proferida pensando no distanciamento do povo das decisões do governo e da Proclamação da República sem participação popular. Essa frase se confirma pelo trecho em destaque na seguinte alternativa:

(A) O grande debate que provocara na Câmara o projeto de formação de um novo Estado na federação nacional apaixonou não só a opinião pública, mas também (é extraordinário) os profissionais da política.

(B) Uns, apoiavam; outros, combatiam; outros, ainda, ora apoiavam, ora combatiam.

(C) Deputados houve que cortaram as relações amistosas, tão somente porque, no calor da discussão, um aparte mais veemente um deles proferira, quase sem reflexão.

(D) Essa desordem nos arraiais políticos, essa interrupção do trilho guiador, excitava os ânimos dos legisladores, preocupados, todos, quer combatessem, quer apoiassem, em agradar o chefe (...).

(E) A massa, a população interessava-se pelo debate, pesava argumentos, sem suspeitar que tanto esforço de inteligência escondesse uma vulgar mascateação ou um arranjo de políticos.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta, pois aqui temos um trecho que indica que povo e políticos eram favoráveis ao mesmo projeto, o que não é comum, indicando de maneira sarcástica que povo e políticos nunca estão do mesmo lado.

A alternativa B está incorreta, pois esse trecho fala sobre como é comum que políticos mudem rapidamente de ideia a depender do que está se passando naquele momento.

A alternativa C está incorreta, pois aqui há uma descrição das discussões e desavenças entre políticos, não sobre o povo.

A alternativa D está incorreta, pois aqui há uma crítica ao comportamento de políticos que sempre incitam o caos e a discussão para agradar aos poderosos.

A alternativa E está correta, pois aqui temos um período que mostra que independentemente do interesse que a população possa demonstrar sobre a vida na política, ela não faz parte das decisões, pois os rumos já estavam traçados pelos políticos.

**Gabarito: E**

---

### 7. (Estratégia Militares - 2020)

Em “Os seus asseclas, os muitos que lhe obedeciam cegamente, sem a palavra devida, não sabiam o que dizer; e os mais atarantados eram os seus jornalistas e parlamentares”, as palavras em destaque podem ser substituídas sem prejuízo de sentido respectivamente por

- (A) partidários – desonestos.
- (B) empregados – desnorteados.
- (C) sectários – atrapalhados.
- (D) seguidores – estúpidos.
- (E) inimigos – baralhados.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta, pois a palavra atarantado significa perdido, atrapalhados, não tem a ver com honestidade.

A alternativa B está incorreta, pois a palavra assecla significa um seguidor, no sentido ideológico, não um empregado necessariamente.

A alternativa C está correta, pois aqui ambas as palavras são usadas corretamente como sinônimos: asseclas são seguidores, sectários; e atarantados significa atrapalhados.

A alternativa D está incorreta, pois a ideia aqui não é de estupidez, burrice, mas de serem atrapalhados.

A alternativa E está incorreta, pois a palavra assecla significa um seguidor, não um inimigo. É exatamente o contrário.

**Gabarito: C**

---

## 8. (Estratégia Militares - 2020)

O trecho “e, se bem que a passagem do projeto de lei não fosse para já, os chefes, chefetes, subchefes, ajudantes, capatazes políticos se agitavam e pediam, e desejavam, e sonhavam com este e aquele lugar para este ou aquele dos seus apaniguados” indica uma das críticas mais contundentes da obra em relação à política que é a prática do/da

- (A) desordem na política e burocracia, gerando gastos desnecessários do orçamento disponível.
- (B) desonestidade em todos os âmbitos da sociedade que nasce nas figuras de coronéis e capatazes.
- (C) corrupção na sociedade eleitoral, que escolhe mal seus representantes pensando em vantagens.
- (D) patrimonialismo, aprofundando a separação entre o interesse individual e o interesse público.
- (E) nepotismo, que pessoas poderosas favorecem parentes ou pessoas protegidas por elas.

### Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois mais do que desordem, há uma noção de gasto proposital, de má fé e corrupção.

A alternativa B está incorreta, pois a palavra capatazes é usada de maneira metafórica, para indicar um cargo de confiança. Não há aqui aproximação do coronelismo.

A alternativa C está incorreta, pois não se fala nesse trecho sobre as escolhas das pessoas, mas do comportamento dos políticos.

A alternativa D está incorreta, pois percebe-se nesse trecho que os interesses pessoais se misturam os políticos.

A alternativa E está correta, pois essa é uma das críticas centrais da obra: o nepotismo e indicação de pessoas da família como forma de favorecimento como uma das situações mais danosas ao bem público.

### Gabarito: E

## 9. (Estratégia Militares - 2020)

Além das denúncias políticas e ao comportamento dos homens públicos, Lima faz críticas nessa obra a outras questões, como

- (A) o olhar para a violência policial para com a população, indicada principalmente pela queima de casas.
- (B) a crítica à vida de aparências na sociedade, representada pelo casamento sem amor que o próprio Numa vive.
- (C) o olhar saudoso para tempos anteriores do império, indicadas pela construção de espaços longe do urbano.

(D) o desânimo e o pessimismo diante da possibilidade de realização amorosa no mundo como ele se apresenta.

(E) uma noção de que a modernidade traz para o homem mais possibilidades a partir do progresso científico.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta, pois não ocorre tal passagem no texto. Isso ocorre em obras como *O Cortiço* por exemplo.

A alternativa B está correta, pois o casamento de Numa e Edgarda se dá por aparências e interesses: ela é filha de um homem importante do partido e esse casamento é bom para a imagem pública de Numa.

A alternativa C está incorreta, pois o afastamento do espaço urbano não é um traço de Lima, pelo contrário. Ele descreve sua cidade muito bem.

A alternativa D está incorreta, pois a discussão sobre a possibilidade amorosa ou não, não aparece na obra de Lima Barreto.

A alternativa E está incorreta, pois Lima não constrói seus textos louvando o progresso, pelo contrário, muitas vezes o critica.

**Gabarito: B****10. (Estratégia Militares - 2020)**

O ambiente de desordem política e moral construído pela obra, reforçado pela sensação de mediocridade que cerca as personagens, indica uma crítica de Lima Barreto ao

(A) início do período Republicano brasileiro, mostrando o incômodo do autor para com a política de então.

(B) imperialismo no Brasil, indicando que o Imperador não é capaz de controlar os deputados da câmara.

(C) desejo dos políticos de então de tornarem-se tão degradados e corruptos quando os Estados Unidos.

(D) anseio de ascensão social, indicando um pensamento frequentemente contrário à mobilidade na sociedade.

(E) modo como se organizava o congresso de então, sugerindo que a organização norte-americana era melhor.

**Comentários:**

A alternativa A está correta, pois Lima produz uma crítica a seu momento histórico, indicando as contradições e falhas da construção de um novo modo de governo.

A alternativa B está incorreta, pois as produções de Lima Barreto são posteriores ao regime imperial. Elas falam sobre a república.

A alternativa C está incorreta, pois a menção aos Estados Unidos no texto faz relação à emenda que eles querem passar na Câmara, não a uma prática comportamental.

A alternativa D está incorreta, pois Lima não é contrário à mobilidade social, mas ao uso de todo o qualquer meio pra alcançá-la.

A alternativa E está incorreta, pois a menção aos Estados Unidos não vem para indicar uma melhor atuação do país norte-americano, mas demonstrar que as pessoas inventavam quaisquer discussões para conseguir mais verbas. Além disso, Lima é um nacionalista verdadeiro. Não há elogios a demais países, muito menos Estados Unidos, em sua obra.

### **Gabarito: A**

---

Texto pra as próximas questões:

#### **Subversão pelas letras**

*Como o subúrbio carioca ajudou Lima Barreto a pensar a negritude e a desigualdade estrutural brasileira*

Tom Farias

Angélica Ferrarez

Em *Os nagô e a morte* (1976), a professora Juana Elbein dos Santos assim se refere à questão da territorialidade: “Todos os lugares de adoração encontram-se em iká, no quintal onde Óbàrìsà não pode penetrar”. “Iká”, em yorubá, é um odu (“destino”, em iorubá) do oráculo de Ifá, segundo o qual as pessoas, apesar de todos os problemas infringidos a elas, vão ter sempre um sorriso nos lábios e alegria de viver. São pessoas consideradas boas, mas que têm horror à morte. Em nossas palavras, é uma subversão que se faz pela resistência, pelo riso e por não desistir facilmente da vida.

A territorialidade, nessa dimensão do sagrado, é um lugar nobre na obra de Lima Barreto (1881-1922). Adentrar o seu universo narrativo — seja através do seu trabalho jornalístico, das crônicas, da ficção, dos contos ou dos romances — é residir no quintal territorializado das classes pobres, suburbanas e, particularmente, negras. Este é um desafio de compreensão da subversão pelas letras, da luta de que partilha a vida do escritor. (...)

O Lima Barreto que conhecemos teve sua vida marcada por circunstâncias particulares e emblemáticas: nasceu exatamente no dia 13 de maio, sete anos antes da abolição (1888), e morreu meses depois da Semana de Arte Moderna. Sendo assim, ele viveu o Brasil de muitos ensaios, do ensaio da democracia ao ensaio da República, rico em contradições e, em especial, em desigualdades. É este o país das simbologias e estruturas materiais que marca a trajetória e a criação literária do escritor carioca no contexto de toda a sua obra, sobretudo nas crônicas e nos romances.

Constante é a discussão de sua identidade de escritor, inclusive a relação conturbada com o meio literário em que viveu. Em crônica de 28 de junho de 1911, afirmou: “Eu quero ser escritor porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei meus navios, deixei tudo, por essas coisas de letras”. Em outro tópico, de forma rebelde, registra: “Não quero fazer minha biografia; basta, penso eu, que lhes diga que abandonei todos os





caminhos por esses das letras; e o fiz conscientemente, superiormente, sem nada de mais forte que me desviasse de qualquer outra ambição”.

Atemporal e libertário das suas próprias amarras conceituais, Lima Barreto sonhou acordado nos bancos dos trens de terceira classe que saíam do subúrbio da Central em direção ao centro da cidade, costurando a cidade pelos trilhos e sendo, também, um andarilho sobre eles. Ninguém conhecia tão bem a cidade como Barreto e sua boêmia literária marcada pela inquietação do século da “belle-époque”.

Havia um projeto de cidade burguesa que convivia lado a lado, interpenetrando-se com a herança africana, o que gerou no Rio de Janeiro a experiência mais radical com a modernidade; a do descompasso, das contradições e da pluralidade. Do legado imperial, temos a cidade que abrigou a Corte, o aburguesamento, os cafés, a coquetterie, o ideal francês de civilização e progresso, mas que culminou nos Códigos de Postura, nas medidas dos médicos sanitaristas que queriam higienizar as ruas do comedimento moral de uma limpeza étnica, mecanismos de controle social e punição que recaíam sobre a população negra. Por outro lado, havia a cidade das experimentações, da cultura popular, do samba, dos bares, dos usos e costumes, das festas carnavalizadas, das memórias das Áfricas distantes (e próximas), da cultura como forma de existir e resistir.

A remodelação da cidade, conhecida por “bota abaixo”, nos idos de 1903-06, fez com que a população dos morros triplicasse de tamanho. Foi o momento em que a Zona Sul da cidade se tornou a coqueluche habitacional dos endinheirados, ápice da especulação imobiliária e supervalorização do espaço, empurrando famílias da classe média, funcionários públicos e outros decadentes para as grandes chácaras dos subúrbios, lugares ainda calmos, cercados da natureza.

Lima, que nasceu na área nobre das Laranjeiras, outrora endereço de dois ilustres moradores — a Princesa Isabel e o Conde d’Eu —, acabou fazendo do subúrbio de Todos os Santos o seu recanto, seu espaço de criação, o lugar a partir do qual fala. E em sua literatura, a cultura do subúrbio aparece protagonizando o espaço da cidade, engendrando discursos contra-hegemônicos em todas as camadas sociais, rompendo com a noção abstrata do cânone ocidental. (...)

As marcas da escravidão confinaram o negro, o fenômeno das políticas de embranquecimento de teor eugenista e o mimetismo das teorias raciais na conformação dos lugares de poder e privilégio de parte da sociedade nacional. Lima também fazia uma reflexão crítica do sistema capitalista e do constrangimento que os Estados Unidos representavam para o mundo, com “sua grosseria mercantil, a sua desonestidade administrativa e o seu amor ao apressado”, nas palavras do cronista-autor. Essas discussões feitas por Lima de maneira visceral provocaram um rasgo em um espaço-tempo que não estava preparado para a recepção merecida de suas ideias.

Subversivo, rebelde, Lima Barreto era a imagem — e sua obra, a lembrança — de uma sociedade que se queria enterrar nos subterrâneos da memória, junto aos estigmas da escravidão, do racismo, da herança colonial. Lima revivia tudo em suas letras, em tom grave, falando alto, mas o espaço-tempo exigia uma certa polidez nos costumes e contenção nas palavras. A reclamação, a denúncia era muito bem feita na literatura a partir das metáforas,

nas entrelinhas, mas Lima rasgava o verbo, era um incômodo latente, uma pedrinha no sapato de couro dos outros homens das letras.

(Adaptado de <<https://www.quatrocincom.com.br/br/artigos/literatura-brasileira/subversao-pelas-letras>> Acesso em 21 jul. 2021)

### 11. (Estratégia Vestibulares – 2021)

A estratégia dos autores do texto para introduzir o aspecto da obra de Lima Barreto que será trabalhado nesse texto parte da

- a) história do Rio de Janeiro, principalmente da constituição urbana do século XVIII.
- b) comparação com uma noção sagrada que parte das religiões afro-brasileiras.
- c) ideia de que para sobreviver em sociedade é preciso contrapor-se às regras institucionais.
- d) análise do trabalho jornalístico de Lima Barreto sobre a condição do Rio de Janeiro.
- e) biografia de Lima Barreto, que dialoga com vivências do Brasil Colônia.

#### Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois os aspectos falados no texto partem de uma construção do tecido urbano pós-abolição da escravidão, ou seja, séculos XIX e XX.

A alternativa B está correta, pois no início do texto os autores mobilizam um conceito trabalhado por uma pesquisadora, que define a noção de territorialidade na mítica religiosa afro-brasileira como um lugar sagrado, não necessariamente físico, mas comportamental: é o modo como as pessoas se comportam diante das adversidades. Assim como existe a ideia de “subversão que se faz pela resistência, pelo riso e por não desistir facilmente da vida” na mítica afro-brasileira nagô, há em Lima Barreto a construção de figuras que habitam espaços desvalorizados, lutando contra as adversidades.

A alternativa C está incorreta, pois muitas das regras que o texto menciona não são escritas, mas veladas, como o preconceito. Não é preciso lei para que elas ocorram.

A alternativa D está incorreta, pois o trabalho jornalístico de Lima é apenas mencionado, não analisado.

A alternativa E está incorreta, pois o autor já viveu no período de transição do império para a república, portanto, depois do período do Brasil Colônia.

#### Gabarito: B

### 12. (Estratégia Vestibulares – 2021)

De acordo com o texto, a ideia de modernidade radical na formação do Rio de Janeiro vem das

- a) construções modernas herdadas do período imperial e da fixação da corte portuguesa no Rio de Janeiro.
- b) referências francesas que foram o norte da construção urbanística e da vida da capital do país na época.
- c) assimilações das culturas africanas, principalmente nos festejos e folguedos populares, como o carnaval.

- d) contradições e pluralidades de uma cidade formada sob influência africana e projeto burguês.
- e) experiências republicanas que, invariavelmente, geraram uma cidade mais aburguesada e europeizada.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta, pois a modernidade nasce do descompasso entre modernidade e precariedade, das contradições, não apenas nos projetos burgueses.

A alternativa B está incorreta, pois, assim como em A, a modernidade não nasce apenas dos projetos burgueses ou europeus. Para o texto, a modernidade vem da mistura de referências contraditórias.

A alternativa C está incorreta, pois a modernidade nasce, para os autores do texto, das contradições e misturas de referências, não apenas as assimilações culturais advindas do continente africano.

A alternativa D está correta, pois o texto afirma literalmente que “Havia um projeto de cidade burguesa que convivia lado a lado, interpenetrando-se com a herança africana, o que gerou no Rio de Janeiro a experiência mais radical com a modernidade; a do descompasso, das contradições e da pluralidade”.

A alternativa E está incorreta, pois as experiências republicanas convivem com as referências do período imperial, logo, não se pode atribuir a modernidade apenas ao legado da primeira república.

**Gabarito: D****13. (Estratégia Vestibulares – 2021)**

Na literatura brasileira, o romantismo foi um dos movimentos que pensou as transformações do século XIX, principalmente a noção de constituição de nação. A análise do contexto dos autores românticos de diferencia da dos pré-modernos, escola a que Lima se filia, principalmente por apresentar uma

- a) noção de que o Brasil se constitui a partir da mistura de três etnias, brancos, negros e indígenas, estes últimos excluídos no pré-modernismo.
- b) percepção mais crítica do período imperial, ideia que o pré-modernismo deixa de lado, pois é essencialmente crítico à república.
- c) crítica à formação social do Brasil embasada em conceitos biológicos, diferente do pré-modernismo que se vale de dados sociais.
- d) versão romantizada dos fatos, enquanto o pré-modernismo busca retratar a realidade de maneira mais idealizada.
- e) visão idealizada da história e da formação do Brasil, enquanto os pré-modernos já olham para esse contexto de maneira crítica.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta, pois os negros não são vistos no romantismo como parte essencial da formação do Brasil. A maioria das obras entende o indígena e o branco como os formadores da essência brasileira.

A alternativa B está incorreta, pois não se pode dizer que o romantismo produza verdadeiramente uma crítica ao governo imperial. Isso pode ser mais bem percebido no realismo, por exemplo.

A alternativa C está incorreta, pois quem produz uma crítica baseada na biologia é o naturalismo, não o romantismo.

A alternativa D está incorreta, pois o pré-modernismo não produz idealizações, produz crítica social.

A alternativa E está correta, pois o Romantismo é um movimento marcado pela idealização e pelo olhar romantizado sobre a história e formação do Brasil. No Pré-Modernismo, já se antecipa uma tendência de olhar para a história de maneira mais crítica, sem idealizações.

**Gabarito: E**

---

#### 14. (Estratégia Vestibulares – 2021)

Uma das questões que fazia com que Lima Barreto fosse malvisto por outros escritores contemporâneos a ele era sua preferência temática por

- a) excluir pessoas de diferentes classes sociais de suas obras, retratando apenas os pobres.
- b) romances históricos, que investigam a construção do Brasil desde a colônia.
- c) suas críticas aos Estados Unidos e seu protagonismo econômico no mundo.
- d) elementos da cultura brasileira, vistos como menores que os da cultura europeia.
- e) denúncias sociais de problemas históricos do Brasil, frequentemente ignorados.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta, pois não se pode dizer que todas as personagens de Lima fossem pobres. Sua diferença está em também incluir as classes mais baixas, mas não apenas.

A alternativa B está incorreta, pois Lima Barreto não faz exatamente romances históricos, ainda que passagens da história sejam citadas em suas obras.

A alternativa C está incorreta, pois a crítica ao capitalismo é uma das questões que ele aborda, mas não necessariamente só dos Estados Unidos, tampouco esse trecho é ligado exatamente às críticas dos outros escritores.

A alternativa D está incorreta, pois o texto indica que é a denúncia de hipocrisias que faz com que ele seja malvisto. Se os elementos da cultura brasileira fossem falados sem crítica, talvez não houvesse tantas críticas.

A alternativa E está correta, pois o texto indica que Lima Barreto colocava em evidência feridas do nosso passado que tentamos esconder, como a escravidão, o racismo e as demais heranças coloniais.

**Gabarito: E**

---

#### 15. (Estratégia Vestibulares – 2021)

De acordo com o texto, uma das características que tornava Lima Barreto um escritor deslocado de seu tempo era

- a) sua preferência por retratar as camadas populares do Rio de Janeiro.
- b) seu hábito de ter personagens negros em suas obras, em posições mais servis.
- c) sua literatura mais direta, num momento em que a escrita era mais contida.
- d) sua postura preconceituosa em relação às classes mais baixas da sociedade.

e) seu desejo de criar uma literatura que falasse dos reflexos dos Estados Unidos no Brasil.

#### **Comentários:**

A alternativa A está incorreta, pois já no naturalismo isso era feito, logo, não pode ser um traço dissonante.

A alternativa B está incorreta, pois personagens negros em posições de servidão foram uma constante da literatura brasileira.

A alternativa C está correta, pois o texto aponta que “Lima revivia tudo em suas letras, em tom grave, falando alto, mas o espaço-tempo exigia uma certa polidez nos costumes e contenção nas palavras”, ou seja, Lima Barreto fazia sua crítica de maneira mais direta do que os demais, o que o fez ser considerado um escritor deslocado do estilo de sua época.

A alternativa D está incorreta, pois o texto indica o contrário, que ele valoriza as camadas mais baixas da sociedade.

A alternativa E está incorreta, pois o texto diz que ele era contrário aos Estados Unidos, não que ele buscasse as influências do país no Brasil.

#### **Gabarito: C**

### **Considerações finais**

Chegamos ao fim do nosso curso! Espero que tenha ajudado você a compreender melhor a cobrança de literatura do ITA.

Sigo à disposição no fórum e nas redes sociais para qualquer dúvida!

Boa prova!

**Prof.ª Celina Gil**



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão  
1

Data  
**27/08/2020**

Modificações  
**Primeira versão do texto.**